

## 2 Pluralidade biográfica

Consideramos que as manifestações aparentemente de menor relevância, na verdade, podem se revelar como fundamentais para a história, com base na explicação de Paulo Santos de que:

Os fatos que trazem em si o germen das grandes transformações nem sempre podem ser de imediato identificados como tais, passando, ou de todo despercebidos, ou como manifestações esporádicas e de qualquer modo necessárias de fatos tidos como principais; os próprios obreiros daqueles fatos mais importantes (mais importantes para desdobramentos futuros), muitas vezes não têm consciência plena da transcendente missão que estão desempenhando.<sup>1</sup>

A dificuldade de se identificar “fatos que trazem em si o germén das grandes transformações” e a sua conscientização por aqueles que os que o produziram espelha o próprio percurso de Paulo Santos. Assim, a apresentação de seus dados biográficos – até então quase restritos às suas realizações profissionais e desconhecidos do público em geral –, objetiva, justamente, resgatar nossa dívida com este “obreiro” da arquitetura e da escrita da história. A partir da pesquisa das fontes primárias de seu acervo pessoal e das entrevistas realizadas por método qualitativo com amigos e familiares do biografado, certificamo-nos da relevância da empreitada.

Não obstante os limites que o recurso à história oral<sup>2</sup> costumam apresentar, trazendo muitas vezes uma abordagem imbuída de sentimentos pessoais e dificultando a isenção necessária à análise mais crítica, temos certeza de que, por outro lado, ela está legitimada como fonte<sup>3</sup> – seja por seu caráter informativo seja por seu valor simbólico –, incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas, uma vez que “a

---

<sup>1</sup> SANTOS, P., 1986, p. 3. Pasta *Produção Intelectual 5*, arquivo n. 1242/2.

<sup>2</sup> Os relatos de história oral foram realizados através de entrevistas pessoais com amigos e familiares de Paulo Ferreira Santos, concedidas à autora deste trabalho (ALCANTARA, 2001; BARATA, 2001; BRITTO, 2001a; COELHO, 2003; FEFERMAN, 2002; MEMÓRIA, 2002a; MOTTA, 2002; SANTOS, S., 2001; TELLES, 2001a).

<sup>3</sup> Foram os americanos que, em primeiro lugar, revalorizaram a fonte original do historiador, o documento oral. “A história oral moderna inicia-se na década de 1930 nos Estados Unidos com uma grande investigação sobre a lembrança dos antigos escravos negros, encomendada pelas autoridades federais. Em 1948, um antigo jornalista, Allan Nevins, criou o primeiro centro de história oral na Universidade de Colúmbia, de Nova Iorque. No início da década de 1970, canadenses, ingleses e italianos interessaram-se, por sua vez, por essa técnica, que conquistou o conjunto da Europa ocidental a partir de 1980, figurando os franceses curiosamente entre os últimos a nela se empenharem, sendo os mais reservados. Hoje em dia, existem numerosas sociedades nacionais de história oral, nos Estados Unidos, no Canadá, na Grã-Bretanha, na Austrália e na Itália com periódicos específicos.” (BURGUIÈRE, 1993, p. 582).

conversa traz uma contribuição insubstituível para paliar as lacunas documentais ou fornecer um outro ângulo de vista”.<sup>4</sup>

Acompanhemos os principais aspectos da trajetória profissional e da vivência pessoal de Paulo Ferreira Santos.

Paulo Santos nasceu a 27 de julho de 1904, na Gávea, bairro da cidade do Rio de Janeiro. Era o caçula dos cinco filhos da união da carioca Alice Cruz Ferreira Santos com o maranhense Samuel Ferreira dos Santos<sup>5</sup>. Seus avós maternos eram Amélia Bulhões Cruz e o médico Bento Gonçalves Cruz, sendo seu tio, e filho destes, o médico sanitário Oswaldo Gonçalves Cruz, responsável pelo saneamento da cidade do Rio de Janeiro, da qual erradicou a febre amarela no início do século XX. Seus avós paternos, que se casaram em 1844, eram a maranhense Dulcina da Costa Ferreira, pertencente a uma das famílias mais tradicionais da cidade de Alcântara<sup>6</sup>, e o médico sergipano Antônio dos Santos Jacintho, homem de grande cultura e espírito religioso da cidade de Laranjeiras, filho de Maria Benta e de João Antônio dos Santos Jacintho.

Órfão de mãe, seu pai Samuel veio para o Rio de Janeiro a convite de sua madrinha Emília para completar os estudos, casando-se na idade adulta com Alice, então adolescente, em 2 de dezembro de 1891. Samuel foi funcionário graduado no governo do presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves<sup>7</sup> e, como passatempo favorito dedicava-se à marcenaria; enquanto Alice dedicou-se inteiramente à administração familiar.

Paulo Santos cresceu no seio de típica família de classe média, passando a infância no sítio da família, onde nasceu, localizado no bairro da Gávea. Na juventude, mudou-se com a família para uma casa à rua Guanabara (atual Pinheiro Machado)<sup>8</sup>, em frente ao Palácio Guanabara, em Laranjeiras.

Com o falecimento do pai em 21 de outubro de 1911, Paulo Santos, então com sete anos, estreitou os laços com os irmãos mais velhos, com os quais muito se identificava: Arnaldo, o primogênito; Samuel – *Samuca* –, o inventor; Jorge, o construtor de barcos, habilidade herdada do pai; e Dulcina, sua única irmã.

---

<sup>4</sup> BURGUIÈRE, 1993, p. 583.

<sup>5</sup> Cf. Certidão de Casamento. Registro Civil das Pessoas Naturais. Comarca da Capital. Cartório 13ª circunscrição, 27 abr. 1948, p. 1.

<sup>6</sup> ALCÂNTARA, s.d. Pasta *Grupo V*, arquivo n. 1239/3. Esta pesquisa foi solicitada à professora Dora por Paulo Santos, aproveitando o fato da pesquisadora estar residindo na cidade de Alcântara àquela época (BARATA; BUENO, 2000).

<sup>7</sup> SANTOS, S., 2001e, p. 70.

<sup>8</sup> BRASIL, 1965.

A inclinação para a leitura o dominara desde a aprendizagem das primeiras letras, confidenciou seu irmão Jorge ao sobrinho Sergio Santos<sup>9</sup>, e o espaço em cima dos grandes armários dos casarões da Gávea e da rua Guanabara era o local preferido para as divagações literárias de Paulo Santos. Recolhido em seu canto, sentia-se livre para dar asas às elucubrações. O gosto pela reclusão, traço marcante de sua personalidade, já estava cunhado desde a mais tenra idade.

Cursou o ginásio no Colégio Rezende, em Botafogo, prestando os exames finais no Colégio Pedro II<sup>10</sup>. Interessava-se nessa época pelos esportes por influência dos irmãos, como lembrou o sobrinho Sergio Pacheco dos Santos:

A proximidade da praia de Botafogo e o convívio com seus irmãos mais velhos, todos remadores do Clube de Regatas Botafogo, o levaram ao rival vizinho, o Clube de Regatas Guanabara, onde praticou e foi campeão de natação, remo e water polo.[sic]<sup>11</sup>

Em meio a esse ambiente de competições desportivas, aos 16 anos, Paulo Santos conheceu o arquiteto Archimedes Memoria\*, grande amigo do irmão Jorge, que a partir de então passaria a exercer influência direta em sua carreira profissional. Mais tarde foi companheiro de remo no Clube de Regatas Guanabara de Carlos Octávio Fléxa Ribeiro\*, que viria a ser seu colega na FNA, ministrando a cadeira *História da Arte e Estética*.

Na época em que a juventude brasileira se dividia entre os *almofadinhas*<sup>12</sup> e os *mata-mouros*<sup>13</sup>, como nos explicou seu sobrinho Sergio, Paulo Santos e os irmãos incluíam-se no último grupo, dos jovens valentões que tinham convicção de que a compleição física e o corpo atlético lhes garantiria a sina de valentões. Embora não fosse vaidoso de seus atributos físicos, orgulhava-se de sua inteligência (Fotografia 1).

Paulo Santos manteve suas características físicas (Fotografias 3-5) e intelectuais praticamente ao longo de sua vida, como explicaria o professor Silva Telles\*, seu assistente na cadeira *Arquitetura no Brasil*:

<sup>9</sup> SANTOS, S., 2001e, p. 67.

<sup>10</sup> VASCONCELOS, 1989, p. 168.

<sup>11</sup> SANTOS, S., 1993, p. 1. Pasta *Grupo II*, arquivo n. 1239/3.

<sup>12</sup> Termo usado para se referir ao “homem que se veste com correção e apuro exagerados” (HOUAISS, 2001, p. 163).

<sup>13</sup> Expressão para designar “indivíduo cujas palavras são mais corajosas que seus atos, consistindo no valentão de mentira” (HOUAISS, 2001, p. 1866).

Ele era um homem apolíneo, meio gordo, cheio, tinha um bonito rosto e se arrumava razoavelmente bem. Foi muito discreto, às vezes até um pouco relaxado, um pouco desconjuntado. Tinha uma voz muito boa, muito simpática, de entonação muito bonita. E a estrutura da fala dele era formal, porque usava termos um pouco eruditos demais, inclusive há textos dele bem eruditos, muito bons, muito bonitos.<sup>14</sup>

Do modo de ser de Paulo Santos, Silva Telles explicitou também sua maneira singular de ministrar as aulas, conhecidas como *Missa das Dez*, pelas preleções serenas sobre a arquitetura religiosa e pelo rígido cumprimento rígido do horário. Suas aulas se iniciavam *religiosamente* às 10 horas.

A paixão pelas matérias *história, desenho e arte* o levaram a escolher a Escola Nacional de Belas Artes, incentivado pelo arquiteto Memoria, que além de professor conceituado daquela Escola era também profissional de renome no âmbito da arquitetura no Brasil.

Naquela época, o curso da ENBA, inspirado nos *Concours d'École* da escola de *Beaux Arts* de Paris e nos *Grand Prix* de Roma, correspondia a seis anos: um curso geral de três anos e mais três destinados à arquitetura, pintura e gravura.<sup>15</sup>

Após o falecimento de sua mãe, em 8 de maio de 1932, até sua união com Maria Amélia, em 1927, Paulo Santos foi morar numa pensão de estudantes. Sua esposa Maria Amélia Thompson Motta, que conhecera no último ano do curso na ENBA, era filha de Amelia Figueiredo Motta e de José Thompson Motta<sup>16</sup>. Órfã de mãe desde os dez anos de idade e recém-saída do Colégio *Sacre Coeur* de Jesus<sup>17</sup> no Alto da Boa Vista, Maria Amélia foi aprovada no concurso cargo para a Caixa Econômica Federal, quando conheceu, na casa de amigos, o jovem estudante de arquitetura.

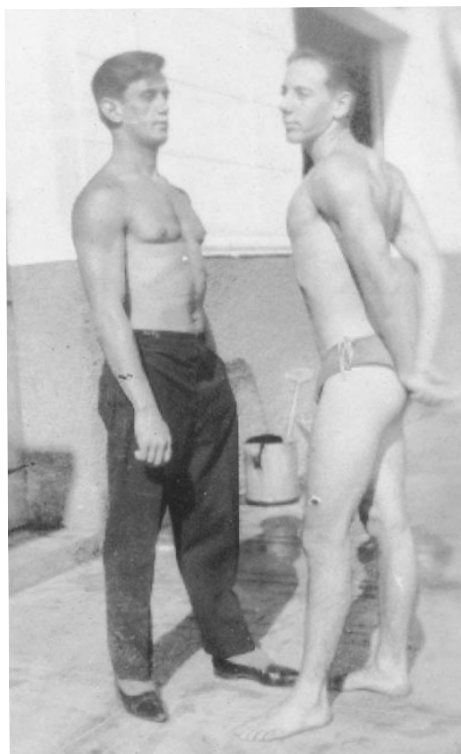
Em meados da década de 1930, passaram a viver juntos, sem oficializar seu relacionamento, o que era incomum na época, casando-se somente em 27 de abril 1948<sup>18</sup>, pois ele desejava deixá-la economicamente amparada (Fotografia 2). Époça em que fez sua primeira viagem à Europa com finalidade cultural. Inicialmente moraram em Santa Teresa, bairro modelo da arquitetura eclética carioca. Em seguida, foram para a rua Joaquim Nabuco, em Copacabana. Na década de 1940, mudaram-se para a casa projetada e construída por ele através da *Pires e Santos S. A.*, na rua Visconde de

<sup>14</sup> TELLES, 2001a, p. 20.

<sup>15</sup> SANTOS, P., 1962b, p. 3. Pasta *Produção Intelectual* 5, arquivo n. 1242/2.

<sup>16</sup> Cf. Certidão de Casamento. Registro Civil das Pessoas Naturais. Comarca da Capital. Cartório 13ª circunscrição. Rio de Janeiro, 27 abr. 1948, p. 1.

<sup>17</sup> SANTOS, M., 1971, p. 1. Pasta *Correspondência* VI, arquivo n. 1239/3.



Fotografia 1  
No Clube de Regatas Guanabara - S.d.



Fotografia 2  
Paulo Santos e Maria Amélia em Congonhas do Campo - S.d.

Fotografias 1/2  
Paulo Ferreira Santos  
Fonte: Acervo pessoal Maria Amélia Motta Santos



Fotografia 4  
Na idade adulta - junho 1949



Fotografia 3  
Na juventude - S.d.



Fotografia 5  
Na maturidade - Jul/1971

Fotografias 3/4/5  
Paulo Ferreira Santos  
Fonte: Acervo pessoal Maria Amélia Motta Santos

Albuquerque nº 836, no Leblon. Esta edificação, já demolida, era excelente exemplar de arquitetura moderna de linguagem nacional, onde as janelas em fia se harmonizavam com o telhado colonial. Nela residiram por mais de duas décadas, mudando para a Praia da Bica na Ilha do Governador devido ao incômodo causado por seus cães à vizinhança. A partir de então evitava receber amigos e mesmo familiares em sua residência, preferindo encontrá-los no escritório da rua do Ouvidor.

Por decisão dele não tiveram filhos, pois dizia-se amedrontado ante a responsabilidade de ser pai, contou o sobrinho Sergio. Uma postura um tanto difícil de se entender porque, nos demais setores da vida, mostrava-se destemido. Talvez não tivesse vocação para ser pai ou, quem sabe, esta fosse uma de suas excentricidades.

Por outro lado, não há dúvida de que se tivesse que dividir sua dedicação entre os filhos e os estudos, Paulo Santos não poderia dispor, como era seu desejo, da atenção e do tempo necessários às pesquisas, o que atrapalharia, inclusive, o esquema de vida montado por eles.

Não se sabe, tampouco, se tal opção objetivava manter a exclusividade da atenção que a esposa lhe dedicava, pois além de ser a companheira de todas as horas, secretariava-o em suas atividades de pesquisador, acompanhando-o nos levantamentos\*\* das igrejas de Ouro Preto, escrevendo o que lhe ditava e revisando seus escritos, conforme assinalou o próprio Paulo Santos na dedicatória de seu livro *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil*:

À Maria Amélia, minha esposa e companheira de trabalho, a quem devo a idéia de publicar êste modesto ensaio e cuja cooperação de todos os momentos tornou não sòmente possível, como sumamente agradável a realização prática dessa idéia, numa ocasião em que outros asoerbantes afazeres me faziam descreer da sua viabilidade ofereço êste livro, que é em parte também seu.

Park Hotel, Friburgo  
Julho de 1950. [sic]<sup>19</sup>

O companheirismo de Maria Amélia na elaboração do trabalho de Paulo Santos se manteve até o início dos anos de 1950, quando a ausência de filhos foi especialmente sentida por Maria Amélia que, para preencher esta carência se viu adotando cães, de um modo quase maternal.

A presença de cachorros na vida do casal constituiu história à parte. A prole canina começou com *Raf*, um exemplar da raça *fox terrier*, assim nomeado

<sup>18</sup> Cf. Certidão de Casamento. Registro Civil das Pessoas Naturais. Comarca da Capital. Cartório 13ª circunscrição, Rio de Janeiro, 27 abr. 1948, p. 1.

em homenagem aos aviões da segunda guerra mundial da *Royal Air Force*, presente de um operário da empresa Pires e Santos a Maria Amélia. Para se ter noção da relevância desses animais na vida do casal, basta atentarmos ao fato de eles terem criado a Fundação Pró-Animais<sup>20</sup>, com objetivo de atender a cães abandonados, destinando para este fim aproximadamente metade de seus bens inventariados em testamento<sup>21</sup>.

Se, por um lado, Maria Amélia devotou grande paixão aos cachorros, devoção esta que, segundo o sobrinho Sergio Santos, perturbou a excelência da interação do casal de outro, a afeição paternal de Paulo Santos foi especialmente deslocada para os sobrinhos Paulo de Tarso, Sergio e Augusto Carlos e para o cunhado Roberto Thompson\*, estendendo-se na década final de sua vida para o amigo e ex-aluno Alfredo Britto, que cognominava de *filho tardio*<sup>22</sup>. Paulo de Tarso era, segundo Sergio, o *dodói do titio*, por quem Paulo Santos nutria verdadeira adoração. Tal sentimento poder-se-ia dizer recíproco, em vista das afinidades existentes entre eles, que os levaram inclusive a escolherem a mesma área de atuação: a arquitetura.

Graduou-se em 1926 (Fotografia 6) pela ENBA, na conhecida turma dos *Cinco Paulos*, com Paulo Antunes Ribeiro\*, Paulo Camargo de Almeida, Paulo Candiota e Paulo Ewerard Nunes Pires\*, com quem fundou em 1927 o escritório de arquitetura *Paulo Pires e Paulo Santos*<sup>23</sup>, atualmente *Pires e Santos S. A.*

<sup>19</sup> SANTOS, P., 1951b, p. 1.

<sup>20</sup> A Fundação Pró-Animais, Casa de São Francisco de Assis, criada por Paulo Ferreira Santos e Maria Amélia Motta Santos em 5 de agosto de 1988, objetiva acolher e cuidar de cachorros abandonados. Esta Fundação situada na Estrada dos Cabuis nº 117, na Pedra de Guaratiba no Rio de Janeiro, conta atualmente com 220 cães. Subvencionada com a verba deixada em testamento por Paulo Santos, comporta também clínica veterinária para atender aos animais da comunidade e creche para a, aproximadamente, 100 crianças, refletindo assim o espírito de solidariedade do casal Santos.

<sup>21</sup> Cf. *Escritura de Testamento Público*, homologada no 10º Ofício de Notas. Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Comarca da Capital. Tabelião José Augusto Proença Gomes, Rio de Janeiro. Livro 4144, f. 132, ato 34, 11 nov. de 1987, p.7.

<sup>22</sup> SANTOS, P. 1981e, p. 1.

<sup>23</sup> O escritório de arquitetura *Paulo Pires e Paulo Santos* foi fundado em 1927 pelos recém-formados engenheiros-arquitetos Paulo Ewerard Nunes Pires e Paulo Ferreira Santos, com alguma ajuda financeira da irmã deste, Dulcina Santos Vasconcelos. Com a adesão de novos sócios como Jorge Santos (1930), Nathan Feferman (década 1940) e Paulo de Tarso (1946), entre outros, foi sucessivamente denominando-se *Pires e Santos*, *Pires e Santos e Cia.*, *Pires e Santos e Cia. Ltda.*, constituindo-se atualmente com a razão social: *Pires e Santos S. A. Arquitetura, Engenharia, Construção e Incorporação*. Com efeito, o ingresso do irmão Jorge na sociedade impulsionou a *Pires e Santos* em direção à área de construção, pois até então a atuação da empresa se restringia à elaboração de projetos. A injeção de capital por Jorge Santos, em 1930, e a realização do projeto e da construção do edifício da ETE em 1939/1940 constituíram a mola propulsora que levou a *Pires e Santos* a tornar-se na década de 1960 uma das empresas de maior porte no ramo da arquitetura e da engenharia no Rio de Janeiro, chegando a contar com 1500 funcionários e 70 obras concomitantemente em andamento. A empresa transferiu-se então da rua Buenos Aires nº 81 para a sua sede própria à rua do Ouvidor nº 104 no centro da Cidade do Rio de Janeiro (SANTOS, S., 1993. Pasta *Grupo III*, arquivo n. 1239/3).





Fotografia 6

Turma de formandos de 1926 - Escola Nacional de Belas Artes - Professor Archimedes Memoria e os alunos Lucas Mayerhofer, Paulo Antunes Ribeiro, Paulo Camargo Almeida, Paulo Candiota, Paulo Ewerard Nunes Pires e Paulo Ferreira Santos  
Fonte: Acervo Thales Memoria



*Arquitetura, Engenharia, Construção e Incorporação*, dirigida pelo sobrinho Sergio Pacheco dos Santos.

Orador da turma, Paulo Santos concluiu o curso sendo premiado com a Pequena Medalha de Ouro<sup>24</sup> no concurso final do grau máximo.

Na década de 1930, na qual os jovens intelectuais se polarizaram entre os integralistas e os comunistas, Paulo Santos, provavelmente influenciado pelo amigo Archimedes Memória, inclinou-se para o lado dos integralistas, embora jamais tenha admitido essa simpatia<sup>25</sup>. A esse respeito, se pronunciou o arquiteto Milton Vitis Feferman, filho do engenheiro Nathan Feferman, sócio da *Pires e Santos*:

No passado a intelectualidade brasileira recebera bem o integralismo, pois o confundiu com os ideais socialistas de reformulação da sociedade na medida em que pretendia a utopia social de consertar o país e o mundo, o que possuía uma atratividade muito grande. Com o tempo evidenciou-se a diferença entre o integralismo – de origem fascista – e o marxismo. Paulo Santos, como muitos outros, abandonou o integralismo. Meu pai foi seu sócio de Paulo Santos na *Pires e Santos* e seu amigo pessoal. N relação entre eles nunca se manifestou qualquer traço de anti-semitismo.<sup>26</sup>

Parece que em nenhum momento da vida, Paulo Santos manifestou qualquer tipo de posição político-partidária, filiando-se a partidos políticos. Não tendo explicitado preferência pela esquerda, nem pela direita, poderíamos considerá-lo hoje um democrata liberal que respeitava os dois extremos e não se sentia engajado a nenhum deles, embora fosse conservador.

De temperamento extremoso, era excessivamente humano e, ao mesmo tempo, intempestivo e afeito a rompantes explosivos. Auto-denominava-se homem retraído e anti-social, mas conseguia ser afável no trato com as pessoas, no meio profissional, como no familiar, mesmo que de maneira extremamente formalmente. Apesar de seu encantamento pela postura democrática, Paulo

<sup>24</sup> UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO, 1933. (SANTOS, P., 1951f. Pasta *Documentos Pessoais*, arquivo n. 1242/1).

<sup>25</sup> A versão brasileira do fascismo italiano teve na Ação Integralista Brasileira - AIB, – fundada em abril de 1933 – sua maior expressão. O integralismo, como ficou conhecido, destacava-se pelo forte ardor nacionalista e católico, além de ser anti-socialista e antiliberal. Suas principais lideranças eram Jackson Figueiredo, Alberto Torres\* e Oliveira Vianna, embora a figura-chave do partido, que se tornou seu diretor, fosse Plínio Salgado. Por sua vez, embora o comunismo tenha surgido como organização política em março de 1922, foi na segunda metade da década de 1930 que conseguiu significativa expressão, a partir da influência junto à frente de massas antifascistas, a Aliança Nacional Libertadora - ANL, surgida em março de 1935, no Rio de Janeiro. Mas é apenas em julho do mesmo ano, no momento em que o presidente Getúlio Dorneles Vargas decretou a ilegalidade da ANL, que os comunistas passaram a ter nela papel preponderante, na organização da frustrada insurreição de novembro, que ficou pejorativamente conhecida como a *Intentona Comunista* de 1935.

<sup>26</sup> FEFERMAN, 2002, p. 4.

Santos apresentava certa dificuldade de exercer a democracia, como explicou. Alfredo Britto:

O Paulo tinha uma dificuldade muito grande de aceitar discordância. Ele era um homem de muito autoritarismo, fechado. Ele tinha fascínio pela questão democrática, por uma discussão salutar, mas tinha muita dificuldade em disputar essa democracia, ele não vivia essa coisa, entendeu? Ele tinha era vontade mesmo de mandar. A vontade dele era dar ordem.<sup>27</sup>

A conciliação de traços aparentemente paradoxais propiciava-lhe personalidade extremamente peculiar. Seu percurso profissional, entrelaçado ao da própria historiografia da arquitetura do Brasil, o comprova.

O jeito metódico lhe permitiu desempenhar atividades plurais no âmbito profissional, articulando o lado técnico prático ao teórico conceitual, conforme assinalou o engenheiro Augusto Carlos Vasconcelos no artigo publicado em 1989, no qual rememorou a atitude profissional de seu tio Paulo Santos:

Não é freqüente nos dias de hoje encontrar-se um arquiteto que se dedique igualmente ao projeto criativo de formas estruturais e se preocupe simultaneamente com os problemas executivos. Paulo Santos era um arquiteto com sentimento estrutural bastante desenvolvido. Era capaz de projetar um edifício de muitos andares e de desenhar no térreo, em escala, os pilares\*\* necessários à sustentação mais racional, com as dimensões estaticamente corretas. E o fazia sem qualquer avaliação numérica de cargas ou esforços. Isto surpreendia os calculistas de seu escritório que afirmavam nunca ter tido necessidade de aumentar as dimensões que ele escolhera previamente!<sup>28</sup>

Como sócio responsável por uma das Seções Técnicas da empresa de engenharia e construção *Pires e Santos* (Fotografias 7-9), Paulo Santos projetou e construiu mais de uma centena de exemplares – entre edificações residenciais, comerciais, industriais, escolares e de lazer –, nos quais procurava, através do depuramento formal, enfatizar o sentido tectônico da obra.

No projeto da Escola Técnica do Exército - ETE, de 1939/40, adotou solução técnica até então inédita, criando área de circulação específica para a passagem de dutos e encanamentos que, por exemplo, permitiam conectar a iluminação entre dois compartimentos de quaisquer pavimentos através “de comandos em *three-way*\*\*.”<sup>29</sup> Procedimento projetual que conjugava concepção formal e conhecimentos técnicos-construtivos, que se tornaria a tônica de seus projetos e construções.

<sup>27</sup> BRITTO, 2001a, p. 7.

<sup>28</sup> VASCONCELOS, 1989, p. 170.

<sup>29</sup> SANTOS, P., 1981h, p. 23.



Fotografia 7



Fotografia 8

## Fotografias 7/8

Paulo Ferreira Santos na *Pires e Santos - S.d.*

Fonte: Acervo pessoal Paulo Ferreira Santos. Biblioteca Paulo Santos. Paço Imperial



Fotografia 9

Da esquerda para direita: Jorge Santos (irmão e sócio), o engenheiro Nathan Feferman (sócio), Paulo Ferreira Santos e Durval Alvim (desenhista) na *Pires e Santos* - 4 dezembro 1951

Fonte: Acervo pessoal Nathan Feferman



O rigor na condução das fases projetuais e executivas, refletia a qualidade final da obra, indistintamente em projetos de grande porte como o da ETE, o da Escola Central do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI e o da Sede do Primeiro Distrito Naval<sup>30</sup> ou de residências. Na residência do Sr. Martin Holzmeister<sup>31</sup> em São Conrado, Paulo Santos procurou integrar os elementos tradicionais e os modernos. Este exemplar da arquitetura moderna, como explicou o arquiteto Henrique Ephim Mindlin\*, “reflete o tipo de regionalismo que merece ser estudado mas ainda é negligenciado pela maioria dos arquitetos, embora deliberadamente cultivado por uns poucos [...]”<sup>32</sup>

No meticuloso desempenho de suas atividades profissionais, Paulo Santos estabeleceu o *Decálogo do Arquiteto*,<sup>33</sup> no qual apresentava os dez procedimentos norteadores do trabalho projetual e construtivo para os profissionais que atuavam na *Pires e Santos*. Provavelmente esta sua idéia tenha sido inspirada no *Decálogo do Architecto Brasileiro* elaborado em 1929 pelo médico José Marianno Filho\*, como doutrina do estilo neocolonial\*\* no Brasil. Apesar disto, é interessante ressaltar que Paulo Santos desaprovava o conteúdo do decálogo organizado por Marianno, pois escreveu “que tudo isso não passou de um amontoado de idéias desconexas que não formam sentido e são um espelho do que havia de primário na orientação doutrinária do NEO-COLONIAL”,<sup>34</sup> não reproduzindo as palavras do decálogo.

A competência construtiva da equipe da *Pires e Santos* foi comentada por Maurício Roberto e Márcio Roberto, do escritório M. ROBERTO ARQUITETOS\*, em carta sobre o anteprojeto do edifício da Irmandade Candelária:

Hoje, fomos informados que, diante do dilema, a Irmandade irá solicitar a vocês, da Pires e Santos, um parecer desempatador e definitivo sobre o assunto.

Caro Paulo Santos, pedimo-lhes, encarecidamente, que aceite. Qualquer decisão que venha de uma pessoa de sua categoria, de um arquiteto que nos inspira o maior respeito, será bem aceita por nós.

<sup>30</sup> O edifício da ETE abrange uma área de, aproximadamente, 40.000 m<sup>2</sup> e, atualmente, abriga o Instituto Militar de Engenharia - IME, na Praia Vermelha, no bairro da Urca; a Escola Central do SENAI situa-se à rua Doutor Manoel Cotrim nº 195, no Riachuelo, compreendendo 10.000 m<sup>2</sup> e a Sede do Primeiro Distrito Naval, localizada à rua Primeiro de Março nº 118, no Centro, é uma edificação de 22 pavimentos totalizando de 22.000 m<sup>2</sup>. (SANTOS, P., 1951f; PIRES E SANTOS, 2001).

<sup>31</sup> A residência de Martin Holzmeister, situada à rua Jaime Silvado nº 2, foi objeto de estudo de Henrique Ephim Mindlin no livro *Modern Architecture in Brazil* e apresentado por Lucio Costa como ilustração do artigo *Architectural Development in Brazil* publicado na revista *Brazilian American Survey* em 1959. Esta obra arquitetônica foi, mais recentemente, publicada em XAVIER, BRITTO, NOBRE, 1991; CZAJKOWSKI, 2000, verbete 104.

<sup>32</sup> MINDLIN, 1999, p. 100.

<sup>33</sup> SANTOS, P., 1970c. Pasta *Correspondência*, arquivo n. 1242/1; MARIANNO FILHO, 1929.

<sup>34</sup> SANTOS, P., 1962a, p. 1. Pasta *Produção Intelectual* 5, arquivo n. 1242/1.

O que não queremos é perder o projeto baseado em um parecer inepto e capcioso. [sic]<sup>35</sup>

A declaração dos irmãos Roberto adquiria valor significativo, por se tratarem de arquitetos pioneiros e reconhecidos internacionalmente pela arquitetura moderna produzida no Brasil.

Apontado por unanimidade – tanto por familiares quanto por companheiros de trabalho – como possuidor de capacidade de trabalho invejável e de tenacidade incomum, Paulo Santos administrava bem seu tempo, conciliando o trabalho empresarial, acadêmico e institucional (Fotografias 8-9). Acostumara-se a acordar às quatro horas da manhã para dedicar-se integralmente às atividades profissionais durante a semana, pois os finais de semana eram reservados para os momentos de lazer com Maria Amélia, seus cães e livros. Certa ocasião, administrou, concomitante, as obras de oito diferentes edifícios pela *Pires e Santos*, sem negligenciar a docência no Instituto Militar de Engenharia e na Universidade do Brasil, como confidenciou ao amigo Britto<sup>36</sup>. Era homem de ação que buscava a perfeição em todas as tarefas que se impunha realizar. Sobre as ações empreendidas por seu tio Paulo na *Pires e Santos*, comentou Sergio Santos:

Ele tinha uma atividade aqui que você não acredita. Conseguia fazer isso tudo. Mas ele acordava às 4 horas da manhã, saía para as obras às 6h30; 7 horas já estava na obra. Eu não sei como ele arrumava tanta vitalidade. Dava aulas, que também preparava. E chegava às 5 horas, saía correndo daqui porque não sabia onde tinha deixado o carro. Quando encontrava, abria a porta, pegava o chapéu, jogava em cima do banco e sentava em cima. Ele dirigia mal que era uma coisa terrível! Eu tinha horror de andar com ele, pois parecia estar naqueles brinquedos de parque de diversão. Uma coisa terrível! Eu me lembro de uma passagem entre dois bondes que ele fez na rua Humaitá, conversando, olhando pra trás, e eu no banco de trás, pensei: “Acabou! A minha vida acabou aqui!” E eu vi um bonde lá e um de cá e ele passou e não se deu conta de que tinha passado entre os bondes. E o motoneiro que vinha no sentido contrário ficou desesperado. Seu carro era um Mercury gigantesco! Um Mercury gigantesco que depois até foi meu.<sup>37</sup>

A dualidade comportamental de Paulo Santos refletia no caráter de liderança, obstinação pelo trabalho e pluralidade de atuações, por um lado e no seu jeito *estapafúrdio* como conduzia, inseqüentemente, seu Mercury, que esquecia o local onde o havia estacionado e, freqüentemente, sentava sobre seu próprio chapéu, amassando-o, por outro. Aspectos reiterados no relato de Milton Feferman:

<sup>35</sup> M. ROBERTO ARQUITETOS, 1970, p. 2. Pasta *Pires e Santos*, arquivo n. 1242/1.

<sup>36</sup> SANTOS, P., 1982b, p. 1.



E ele era, portanto, um arquiteto que se interessava pelo desenho da arquitetura, pelas soluções técnicas e práticas da arquitetura. Por outro lado, era um homem de negócios, com grande visão, dirigia negócios, orientava negócios, prospectava negócios, entabulava cartas, conexões e reuniões para estabelecer viabilidade de negócio e, ao mesmo tempo, era também um historiador, uma pessoa interessada nos aspectos culturais e artísticos da arquitetura. Ele não só tinha a percepção do global, quanto a do detalhe. Vivia esses três aspectos: um campo cultural de nível estético, um campo de negócios e o de nível técnico, o que lhe permitia ter uma visão bastante ampla. Eu diria que ele era uma personalidade multifacetada, difícil de encontrar, porque você encontra sempre uma ou outra, e como abrangia uma gama enorme de atividades, estas sempre se apoiavam uma nas outras. Por exemplo: o fato de ele ser um homem de negócios e portanto ter posses, permitia a ele investir em pesquisas, na compra de livros, em viagens, etc. e na documentação necessária a apoiar a atividade de caráter cultural e intelectual.

Ele era pessoa extremamente organizada, uma das coisas que mais me chamava atenção. E ele não perdia tempo, tudo na vida dele tinha um tempo. Olhava sempre no relógio pra estabelecer a que horas tinha que sair. Eu me lembro que ele dava aula na faculdade, respondia às perguntas e acabou! Olhava o relógio e ia andando em direção ao carro, e ele tinha uma marcha acelerada, ele andava rapidamente. Também na Pires e Santos era assim, chegava, dava o *bom dia* pra todo mundo, sentava à mesa e começava a trabalhar e passava o tempo todo fazendo sempre alguma atividade, falando ao telefone, combinando coisas, e a única hora em que nós podíamos mais ou menos conversar era à hora do almoço, porque a Pires e Santos fazia um almoço diário, que ia religiosamente de duas as três horas da tarde!<sup>38</sup>

Esses almoços cotidianamente realizados no restaurante do Clube Comercial, reuniam *religiosamente* na mesma mesa circular e no mesmo horário, o mesmo grupo de pessoas que trabalhava na *Pires e Santos*. Eram um misto de reunião de negócios, de controle de obras e de bate-papo e momento ímpar para todos os participantes do natural debate. A importância do suporte financeiro para viabilizar as pesquisas de Paulo Santos, apontada por Feferman, demonstrava sua visão empresarial, observada no aconselhamento ao amigo Alfredo Britto sobre a relevância do tino comercial para o sucesso dos empreendimentos profissionais:

Seja comerciante. Pare com coisas improdutivas. Repito: As vezes algum resultado, mas ínfimo se comparado com o esforço. Você só tem trabalhado a LEITE DE PATO. [...] E GANHAR DINHEIRO É IMPRESCINDÍVEL para poder SONHAR que é o melhor da VIDA. [sic]<sup>39</sup>

Até o final da vida Paulo Santos manteve o senso prático e o discernimento financeiro para alcançar seus objetivos pessoais e profissionais.

<sup>37</sup> SANTOS, S., 2001, p. 25, 68-69.

<sup>38</sup> FEFERMAN, 2002, p. 2.

<sup>39</sup> SANTOS, P., 1982c, p. 1.

Para o sobrinho Sergio,<sup>40</sup> que também partilhou com Paulo Santos as atividades na empresa Pires e Santos, a convivência com o tio representava em momentos de aprendizado arquitetônico, como escreveu a seu primo Augusto Carlos:

[...] aguardava com extrema curiosidade e paixão os dias em que, por alguma razão, tio Paulo dissertava durante nossos almoços sobre os temas de seus livros, palestras e artigos – muitas vezes ilustrados com sua lapiseira de ponta fina em guardanapos e, às vezes, na toalha da mesa. Meu tema preferido, em razão de minha nenhuma cultura artística e de arquitetura, era o da revolução industrial e suas consequências sobre a construção, arquitetura, métodos construtivos, técnicas modernas etc, tudo isto convivendo com a evolução social do homem, do trabalhador, do artista, do técnico. [...] Sua cultura política e social era imensa: dissertava desde o dezoito brumário, revolução francesa, anarquismo, socialismo, facismo, comunismo etc. colocando cada movimento ideológico dentro de fatos, momentos sociais da história e motivações para desenvolvimento destas filosofias. [...] Em suas conversas os fatos políticos – e a correlação com os eventos culturais, filosóficos, artísticos, técnicos e culturais – fluíam como se a história, sempre com datas, desfilasse perante nossos olhos e ouvidos, ávidos de gravar aquelas aulas fantástica[s] em nossas cabeças e preocupados com o relógio que determinava o fim do almoço. [sic]<sup>41</sup>

O interesse pela prática projetual e construtiva foi, na verdade, o que motivou Paulo Santos a ingressar na carreira acadêmica e no magistério universitário, a partir da década de 1930. Ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, como livre-docente da cadeira *Construção Civil e Arquitetura*<sup>42</sup> em 1934, o que lhe valeu seu cargo de professor na ETE<sup>43</sup> do Rio de Janeiro, onde ministrou de 1934 a 1953 as disciplinas de *Arquitetura, Perspectiva e Sombras e Técnicas das Construções*. Ainda nos anos 30, foi professor no curso de extensão sobre Arte Decorativa promovido pela Universidade do Rio de Janeiro, sob a coordenação do professor Carlos Octávio Fléxa Ribeiro. Neste curso, Paulo Santos se tornou amigo dos pintores Rodolfo Amoêdo e Eliseu d'Angelo Visconti, admitindo dever a este último muito de sua formação.<sup>44</sup>

Não obstante, a tendência de Paulo Santos para o magistério havia se manifestado desde o tempo de estudante, como ressaltou seu sobrinho Augusto Carlos:

<sup>40</sup> Sergio Pacheco dos Santos, além de sobrinho, é o testamenteiro e inventariante do espólio de Paulo Ferreira Santos. Cf. *Escritura de Testamento Público*, datado de 11 de novembro, homologada no 10<sup>o</sup> Ofício de Notas. Rio de Janeiro. Comarca da Capital. Tabelião José Augusto Proença Gomes. Livro 4144, f. 132, ato 34.

<sup>41</sup> SANTOS, S., 1989, p. 1-2. Pasta *Sergio Santos 1*, arquivo n. 1239/2.

<sup>42</sup> No concurso de títulos e provas para catedrático da cadeira Construção Civil e Arquitetura, Paulo Ferreira Santos classificou-se em 1<sup>o</sup> lugar, empatado com o então professor da cadeira, engenheiro Natal Palladini. Palladini ficou como catedrático e Paulo Santos como seu assistente, com o título de livre-docente até o ano de 1938 (SANTOS, P., 1981h, p. 23).

<sup>43</sup> SANTOS, P., 1983f, p. 2. Pasta *Produção Intelectual 18*, arquivo n. 1242/3.

<sup>44</sup> SANTOS, P., 1981h, p. 23.

A atividade de Paulo Santos como professor começou bastante cedo. Minha mãe, Dulcina, contava-me que em nossa casa – quando ela enviuvou, foi morar com a mãe e o irmão Paulo, ainda estudante – havia constantemente reuniões de colegas que vinham estudar e pedir explicações. Paulo Santos já mostrava tendências didáticas acentuadas e os colegas diziam que as explicações dele eram muito mais claras do que as do próprio professor da cadeira!<sup>45</sup>

Esta vocação de Paulo Santos foi concretizada, de fato, em 1930 com sua aprovação no concurso para professor de *Geometria Descritiva, Perspectiva e Sombra* da Prefeitura do Distrito Federal. Inicialmente se interessou pelas matérias de desenho e de técnicas construtivas, dedicando-se gradativamente ao estudo da história da arquitetura, provavelmente por perceber a necessidade de se realizar uma historiografia da arquitetura no Brasil.

Ao longo de sua vida acadêmica, Paulo Santos construiu *pari-passu* sua biografia de historiador, percebendo a relevância de se repensar não somente o ofício de historiador, mas sobretudo o *lugar* da própria arquitetura na história nacional e no sistema acadêmico. Esta percepção se manifestaria a partir de 1931, quando foi convidado pelo professor Archimedes Memoria, então diretor da ENBA, a participar da comissão especial,<sup>46</sup> “que substitui[ria] o Conselho Técnico Administrativo e a Congregação”<sup>47</sup> do Curso de Arquitetura da ENBA. Esta comissão foi instituída por Fernando Magalhães, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de implementar na ENBA as alterações regulamentadas em 1931 pela Reforma Francisco Campos.<sup>48</sup>

Nesse mesmo período, as experiências acumuladas junto aos órgãos de classe, como o Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB e o Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura - CONFEA, lhe propiciariam o contato com questões relevantes sobre a regulamentação da profissão de arquiteto (Fotografia 10). No Instituto Central de Arquitetos, atual IAB, ao qual se filiou no final da década de 1920, Paulo Santos foi eleito vice-presidente da instituição por duas gestões, chegando a desempenhar em 1931 a função de presidente em exercício, devido ao afastamento temporário do arquiteto Nestor Egydio de Figueiredo\* da presidência da instituição.<sup>49</sup> Enquanto no CONFEA, integrou em 1935 sua

<sup>45</sup> VASCONCELOS, 1989, p. 168.

<sup>46</sup> Segundo Paulo Santos, esta comissão era “composta por cinco professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e dois arquitetos, um de alta categoria e um moço – Angelo Bruhns e eu”. Há entretanto divergências entre o depoimento dele, o de Angelo Bruhns e o de Archimedes Memoria a este respeito (SANTOS, P., 1981h, p. 22; UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1954b, f. 44; BRUHNS, s.d.).

<sup>47</sup> UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1954b, f. 44.

<sup>48</sup> BRASIL, 1931a, p. 51-167; 2000a, v. 2, p. 51-167.

<sup>49</sup> SANTOS, P., 1981h, p. 22; A NOVA..., s. d.

primeira composição.<sup>50</sup> As questões debatidas no âmbito destas instituições lhe proporcionaram a reflexão, entre outros assuntos, sobre a diferenciação, aparentemente tênue, existente entre as atribuições do engenheiro e do arquiteto, ampliando ainda mais seu campo de ação.

No entanto, a partir de sua participação na Comissão Especial da ENBA que intensificou seu interesse pelas questões do ensino da arquitetura e do urbanismo. A Reforma de Ensino implementada por essa Comissão vigorou até 1945, quando o Curso de Arquitetura foi, de fato, desvinculado da ENBA, estabelecendo-se como FNA<sup>51</sup>, através do Decreto-lei nº 7.918, de 31 de agosto de 1945, embora tivesse sido criada desde 5 de julho de 1937, pela Lei nº 452.

Na organização e orientação do Ensino de Arquitetura, Paulo Santos participaria de duas outras Comissões para a Reforma do Ensino da Arquitetura e Urbanismo,<sup>52</sup> referentes aos anos de 1960 e 1969, respectivamente, tendo sido designado relator de ambas Comissões.

O interesse pelos assuntos culturais e acadêmicos, que desde o início marcou sua atuação profissional, culminaria em meados da década de 1940. Como desdobramento dos trabalhos relativos à reforma do ensino da arquitetura e urbanismo, do qual resultou a instituição da FNA/UB em 1945, Paulo Santos implementaria, no ano seguinte, a cadeira *Arquitetura no Brasil* do currículo da nova Faculdade. Uma cadeira “que não existia nos currículos universitários, cujos programas e orientação influíram em cadeiras semelhantes que foram sendo criadas através do Brasil”<sup>53</sup> e que transformou radicalmente o ensino da matéria de história da arquitetura, causando significativo impacto para o conhecimento sistematizado do campo cultural brasileiro e influenciando a formação de sucessivas gerações de historiadores das áreas da arte, da arquitetura e do urbanismo como: Augusto Carlos da Silva Telles, Antônio Pedro de Alcântara, Dora Monteiro e Silva de Alcântara\*, Alfredo Luiz Porto de Britto\* e Margareth da Silva Pereira. Muitos se dedicaram, assim como ele, ao trabalho docente universitário.

A criação da cadeira *Arquitetura no Brasil* institucionalizou novo lugar para o estudo da história da arquitetura no Brasil no seio da universidade, fomentando ainda mais os primórdios da historiografia até então feita por

<sup>50</sup> CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA E ARQUITETURA, 1935. Pasta *Recorte de Jornal XXII*, Livro 3.

<sup>51</sup> BRASIL, 2000d, v. 2, p. 170-179; NÓBREGA, 1952, p. 530-534; BRASIL, s.d.

<sup>52</sup> SANTOS, P., 1960d, p. 45; 1969c, p. 32.

<sup>53</sup> SANTOS, P., 1970b, p. 1. Pasta *Documentos Pessoais*, arquivo n. 1242/1.

brasileiros, pois, até o final dos anos 40, os raros esforços de síntese da história arquitetônica nacional foram iniciativa de estudiosos estrangeiros.

Na construção dos alicerces da historiografia da arquitetura no Brasil, Paulo Santos manteve correspondência com alguns conceituados especialistas estrangeiros da história da arquitetura no Brasil, tais como: *Germain René Michel Bazin\** (França), *Robert Chester Smith\** (EUA), *Mário Tavares Chicó* e *Jorge Pais da Silva* (Portugal), *Mário Buschiazzo* (Argentina) e *Graziano Gasparini* (Venezuela).<sup>54</sup> Alguns colaboravam, inclusive, dos estudos e pesquisas desenvolvidos pelo SPHAN.

Além disso, Paulo Santos realizaria duas viagens à Europa – em 1948 e em 1953 –, com o objetivo de pesquisar a origem européia de determinados caracteres arquitetônicos produzidos no Brasil, especialmente no período colonial. A respeito da viagem de 1953, o professor Lucas Mayerhofer\* detalharia à Congregação da FNA os propósitos da empreitada pretendida por Paulo Santos, conforme a ata da sessão da Congregação, de 04 de março de 1953:

Em seguida é submetido a apreciação da Congregação o processo n. 228/53, em que o professor Paulo Ferreira Santos solicita autorização para empreender viagem a Europa onde estudará assuntos de ensino ligados a cadeira de que é titular, e de real interesse para a Faculdade de Arquitetura. Com a palavra o professor Lucas Mayerhofer que esclarece os intuitos da viagem do professor Paulo Santos que prende-se a pesquisas que está realizando no sentido de esclarecer a filiação Europeia de certas disposições características no Brasil no período Colonial, que continuou na casa do Império e está sendo hoje revivida de outro modo nas construções desses últimos anos. Muitas interrogações que estão até hoje sem resposta devem ser feitas aos arquivos das Índias, em Madrid, da Nueva de Consciência, de Lisbôa; mas principalmente por provincias portugêsas do Norte e do Sul de Extramaduro e do Alentejo, estradas da Beira Alta e as ruas ensombradas do vinhedo da encantada ilha da madeira e tambem as agrestes estradas da feira de Don Peixoto onde se sente calor e sêde e desconforto nas hospedarias mas que deixam em nosso espirito uma imagem que nos parece mais bela a medida que dela nos afastamos. Para o turista que procura a vida noturna a estação de concertos de teatro, de exposições, a frequência aos museus ou os esportes de inverno a bôa estação na Europa é de Novembro a Março, mas para quem vai passar os dias a medir e a desenhar as casas a beira de estradas do interior é preciso viajar no tempo quente, que permite se estar muito tempo parado, daí o interesse do professor Paulo Santos de viajar na primavera quando o seu trabalho será possível. O professor Paulo Santos está escrevendo um trabalho alentado sôbre a casa brasileira. Pelas razões que acabo de expôr proponho que a Douta Congregação não somente aprove o seu plano de viagem mas que o comissione para essa tarefa que é do maior interesse para o estudo da arquitetura brasileira, dando-lhe credenciais, passaporte especial e outras vantagens que lhe facilitem o ingresso na Espanha, Portugal e outros Países. A Congregação aprovou a seguir a indicação feita pelo professor Lucas Mayerhofer. [sic]<sup>55</sup>

<sup>54</sup> TELLES, 1988a, p. 152.

<sup>55</sup> UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1953, f. 18-19.

Ambas as viagens foram extremamente proveitosas, à medida por trazerem subsídios relativos às raízes históricas portuguesas no âmbito da análise da arquitetura no Brasil. Estes subsídios estimularam o historiador a elaborar em 1956 o trabalho, ainda inédito, intitulado *Fontes Portugêsas da Arquitetura no Brasil (1) e (2)*, “à luz de uma *esquisse* panorâmica da arquitetura de Portugal, das origens ao século XVIII”.<sup>56</sup>

O trabalho docente desenvolvido ao longo de quatro décadas o conduziu, progressivamente, às atividades de historiador. Como tal, transformou o ensino e a visão dominante dos *vestígios* construídos da história do país, tornando-se assim um dos estudiosos de maior envergadura da história da arquitetura e do urbanismo, no âmbito nacional.

No campo da história da arquitetura no Brasil, suas obras alinham-se às clássicas da bibliografia corrente da área. Entre artigos, conferências, livros e publicações afins de grande valor histórico e cultural sobressai o estudo *Quatro Séculos de Arquitetura*<sup>57</sup>, publicado em 1965 e objeto de inúmeras reedições. Elaborado no contexto do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro como uma das palestras do ciclo de conferências promovido pela Universidade do Brasil,<sup>58</sup> este estudo pioneiro sobre a arquitetura e urbanismo no Rio de Janeiro representa um marco na historiografia da arquitetura no Brasil, considerado, inclusive pelo historiador Germain Bazin como uma “*remarquable synthese de l'évolution de l'art au Brésil*”<sup>59</sup>. Para Clarival do Prado Valadares\*, crítico de renome da história das artes plásticas no Brasil,<sup>60</sup> este livro, compreendendo os períodos colonial, imperial e republicano e concluindo pela análise das décadas 1920-1940, consistia numa obra fundamental por seu caráter duplo – informativo e analítico, “representando, em nosso caso, a fonte para a compreensão dos períodos, tendências, influências e realizações mais caracterizadoras, este notável trabalho deveria ser [...] publicado em dois idiomas

Ainda que a obra tenha, inegavelmente, sido a de maior repercussão, constituindo-se em bibliografia referencial aos estudiosos da arquitetura e do

<sup>56</sup> SANTOS, P., 1956g; 1956h. Pasta *Produção Intelectual - Engenheiros Militares*, arquivo n. 1242/3.

<sup>57</sup> SANTOS, P., 1966e, p. 43-202; 1977e; 1981j. Encontra-se, atualmente, em andamento uma nova edição pela Editora UFRJ.

<sup>58</sup> Assim como a maioria das palestras do ciclo de conferências promovido em comemoração ao IV Centenário da Cidade, a palestra sobre arquitetura foi publicada no volume intitulado *Quatro Séculos de Cultura*, uma iniciativa idealizada pela Universidade do Brasil (SANTOS, P., 1966e, p. 43-202).

<sup>59</sup> “notável síntese da evolução da arte no Brasil” (BAZIN, 1978). Pasta *Correspondência*, arquivo n. 1242/1.

<sup>60</sup> SANTOS, P., 1983f, p. 10. Pasta *Produção Intelectual de Terceiros 6B*, arquivo n. 1239/2.

urbanismo no país, Paulo Santos elaborou muitos outros trabalhos de qualidade. Como tese para o concurso de provimento à cátedra de *Arquitetura no Brasil*, escreveu o trabalho *Subsídios para o estudo da A Arquitetura Religiosa em Ouro Preto*<sup>61</sup>, seu pioneiro estudo de história. Apaixonado pelo tema, aprofundou a pesquisa apresentada num dos capítulos da referida tese, cujo desdobramento se constituiu na segunda obra publicada com o título: *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil*.<sup>62</sup> As separatas *Formação de Cidades no Brasil Colonial*<sup>63</sup> e *Contribuição ao Estudo da Arquitetura da Companhia de Jesus em Portugal e no Brasil*<sup>64</sup> foram estudos elaborados por ele e, segundo o autor, prestigiosamente apresentados por Rodrigo Melo Franco de Andrade\*<sup>65</sup> no V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros realizado em Coimbra, no ano de 1963.

Ao mesmo tempo em que estudava a arquitetura colonial no Brasil, Paulo Santos também aprofundou-se na pesquisa sobre o Movimento Moderno no Brasil, visto que, para ele, tais assuntos não estavam dissociados um do outro, pela interação existente entre passado e presente no processo histórico da arquitetura e do urbanismo.

Sobre a arquitetura moderna escreveu os estudos: *A Arquitetura moderna e suas raízes*<sup>66</sup>, para a palestra proferida em 1977 no curso sobre o Período Moderno, realizado no Museu Nacional de Belas Artes. Este estudo foi inspirado na oração que havia pronunciado como paraninfo da turma de arquitetos da FNA-UB em janeiro de 1954<sup>67</sup>. Mais tarde, redigiu *O Homem e a Máquina - O arquiteto e o urbanista no mundo de amanhã*,<sup>68</sup> para o discurso pronunciado na cerimônia comemorativa do XIII aniversário da FNA-UB, em 25 de agosto de 1958. Em 1961, seu trabalho *A Arquitetura da Sociedade Industrial*<sup>69</sup>, originalmente publicado pela revista *Habitat* por capítulos, foi reeditado, na íntegra, pelo Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, por considerá-lo, como indicado em sua apresentação, uma das mais categorizadas contribuições do eminente professor para o estudo da arquitetura no Brasil, visto que sua narrativa ligava o leitor “ao fio da meada, onde se tece o enrêdo da arte de construir através do tempo [...] pondo-nos à

<sup>61</sup> SANTOS, P., 1949c; 1951b.

<sup>62</sup> SANTOS, P., 1951b.

<sup>63</sup> SANTOS, P., 1968c.

<sup>64</sup> SANTOS, P., 1966b.

<sup>65</sup> SANTOS, P., 1968a, p. 1. Pasta *Correspondência I*, arquivo n. 1239/3.

<sup>66</sup> SANTOS, P., 1987a, p. 60-79.

<sup>67</sup> SANTOS, P., 1954d, p. 57-65; 1987a, p. 60-79.

<sup>68</sup> SANTOS, P., 1959b, p. 23-32.

<sup>69</sup> SANTOS, P., 1956a; 1961a.

vista, as raízes condutoras da seiva que alimentou seu desenvolvimento, o solo bendito onde está plantada, germinou, cresceu e floriu” [sic],<sup>70</sup> apresentando assim uma visão da arquitetura engajada na história.

Em seus últimos anos, Paulo Santos se dedicou aos estudos<sup>71</sup> *Raízes da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil*<sup>72</sup> e *Mestres de Ofício e Engenheiros Cívicos e Militares no Brasil Colonial como Arquitetos, Construtores e Urbanistas*<sup>73</sup> que ficaram, circunstancialmente, inacabados. Aquele consistia em trabalho investigativo “dos fatores de produção da arquitetura, enquanto edificação e de formação e desenvolvimento das cidades no Brasil, desde a colonização portuguesa no século XVI até o final da década de setenta do século XX,”<sup>74</sup> englobando as influências de origens européias, africanas e asiáticas; as relações interamericanas e suas conseqüências para a arquitetura e o urbanismo no Brasil, enquanto este último estudo, desdobrado das Comunicações apresentadas no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, visava estudar a organização e os regimentos dos ofícios mecânicos, e o ensino oficial do Reino, a atuação profissional e condição social dos mestres de ofício, como construtores, arquitetos e engenheiros. Com relação aos engenheiros, objetivava focalizar os seguintes aspectos:

1º) – A participação dos engenheiros militares na conquista, defesa e consolidação do nosso território – na colonização, em suma –, durante o Período Colonial; 2º) O desempenho que tiveram como arquitetos, construtores e urbanistas, nesse período da nossa História; 3º) – A formação profissional de que eram portadores e as influências que receberam e lhes permitiram esse desempenho. Já o fizemos em Portugal, faremos agora no Brasil; 4º) – As biografias dos engenheiros que trabalharam no ou para o Brasil, colocadas em apenso às fases em que exerceram a atividade. Um índice alfabético no fim do trabalho, conduz o leitor aos lugares próprios em que são estudados. No estudo de tudo isso, afloramos os rumos da Arquitetura Militar (as escolas de fortificação: Italiana, Holandesa e Francesa) e das Arquiteturas Civil e Religiosa, acrescentando, assim, ao registro histórico informativo, o crítico. Acreditamos ter

<sup>70</sup> UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS, 1961a.

<sup>71</sup> SANTOS, P., 1974. Pasta *Correspondência*, arquivo n. 1239/3.

<sup>72</sup> No acervo pessoal de Paulo Ferreira Santos há quatro diferentes versões para o índice deste trabalho. A primeira, de agosto de 1983, divide o assunto em duas partes: *Raízes Tradicionais* subdividida em sete capítulos e *Raízes Contemporâneas*, com quatorze capítulos. A segunda, de 12 de outubro de 1983, é uma versão resumida da primeira. A terceira e quarta versões, que não estão datadas, redistribuem a matéria em três partes, acrescentando *Reflexos no Brasil* como desdobramento da segunda parte da versão original. As diferenças entre estas últimas versões restringem-se a mudanças insignificantes na distribuição dos capítulos (SANTOS, P., 1983g, p. 1; SANTOS, P., 1983f, p.4; SANTOS, P., s.d., p.2). Além dos índices encontramos apenas dois capítulos das *Raízes Tradicionais*: *O Românico e o Gótico* e *O Manuelino*, compreendendo um total de sete páginas datilografadas.

<sup>73</sup> SANTOS, P., 1980g. Pastas *Produção Intelectual Engenheiros Militares*, arquivo n. 1242/3, *Produção Intelectual XII*, arquivo n. 1242/2 e *Grupo VII*, arquivo n. 1239/3; 1959a. Pastas *Produção Intelectual I* e *Produção Intelectual XII*, arquivo n. 1242/2.

<sup>74</sup> BRITTO, 1982b, p. 1.



dado, com essa orientação, uma consistência ao estudo de conjunto da ação dos Engenheiros Militares no Brasil colonial, ainda não tentada, nessa amplitude.<sup>75</sup>

Além da produção de estudos históricos, é importante ressaltar a participação Paulo Santos no grupo restrito de profissionais brasileiros que estavam começando a sistematizar os conhecimentos sobre a produção arquitetônica no Brasil, reunidos por Rodrigo Melo Franco de Andrade, no SPHAN. Na verdade, “em torno do IPHAN, nos anos 30 e 40, se reuniu uma das mais criativas gerações de pensadores, escritores, arquitetos, historiadores e antropólogos do Brasil”.<sup>76</sup>

A conscientização da necessidade de construir conhecimento específico sobre os bens constituintes do patrimônio histórico e cultural brasileiro iniciou os trabalhos de inventariação e de levantamento de fontes documentais, a fim de organizar dados e informações indispensáveis à análise e estudo dos bens patrimoniais.

A docência na FNA resultou para Paulo Santos no convite de Rodrigo Melo Franco de Andrade<sup>77</sup> para compor o Conselho Consultivo do SPHAN, onde atuou de 1955 a 1981<sup>78</sup>, ao lado de figuras relevantes do panorama cultural brasileiro como Afonso Arinos de Melo Franco\*, Alfredo Galvão\*, Aloísio Sergio de Magalhães, Américo Jacobina Lacombe, Cyro Ilídio Corrêa de Oliveira Lyra, Dalcy Oliveira de Albuquerque, Edson Motta, Francisco Marques dos Santos, Geraldo Britto Raposo da Câmara, Gilberto Ferrez\*, José Ephim Mindlin, José Otávio Corrêa Lima, Lourenço Luís Lacombe, Lucio Costa\*, Luiz Emygdio de Melo Filho, Maria Elisa Carrazoni, Max Justo Guedes, Pedro Calmon Moniz de Bittencourt\*, Prudente de Moraes Neto e Renato de Azevedo Duarte Soeiro\*<sup>79</sup>. Neste Conselho, participou como relator de processos de tombamento<sup>80</sup>, contribuindo significativamente para a preservação dos bens do patrimônio cultural do Brasil. Tarefa complexa, considerando-se que, em várias situações,

<sup>75</sup> SANTOS, P., 1980g, p. 4-5, grifo do autor. Pastas *Produção Intelectual Engenheiros Militares*, arquivo n. 1242/3, *Produção Intelectual XII*, arquivo n. 1242/2 e *Grupo VII*, arquivo n. 1239/3.

<sup>76</sup> CAVALCANTI, 2000c, p. 10.

<sup>77</sup> SANTOS, P., 1981h, p. 23.

<sup>78</sup> A nomeação do professor Paulo Ferreira Santos para exercer a função de membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi efetivada em 26 de maio de 1955 e seu pedido de demissão, por motivo de doença, foi encaminhado ao professor Aloísio Magalhães, Diretor da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1 de julho de 1981. Cf. *Ata de nomeação através da Resolução do Presidente da República* do professor Paulo Ferreira Santos para exercer a função de membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 26 maio 1955, 134<sup>o</sup> da Independência e 67<sup>o</sup> da República (SANTOS, P., 1981f). Pasta *Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN*, arquivo n. 1242/1.

<sup>79</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NACIONAL, 1980. Pasta *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN*, arquivo n. 1242/1.

os embates exigiram astúcia deste interlocutor. Entre tais processos, alguns foram extremamente polêmicos, gerando acirradas discussões, como o do Conjunto Arquitetônico da Avenida Central (processo nº 860-T-72) e o do Parque do Flamengo (processo nº 748-T-64), na cidade do Rio de Janeiro. Neste processo específico, a indicação de Paulo Santos como relator partiu diretamente de Rodrigo Melo Franco de Andrade, presidente do Conselho Consultivo do IPHAN, tendo em vista não só sua competência mas, sobretudo, a idoneidade daquele arquiteto frente a questões de grande complexidade, segundo o relato do professor Silva Telles, ao abordar a ação de Paulo Santos no âmbito do SPHAN:

Ele era só membro do Conselho do Patrimônio que, naquela época, se reunia três a quatro vezes por ano. O presidente do Conselho, que era o Dr. Rodrigo, distribuía os processos e designava quem faria o relatório. [...] Em geral, Dr. Rodrigo, antes de distribuir os processos, conversava com o Conselheiro que ele achava ser o mais apto a relatar tal assunto. Para os assuntos relativos ao nordeste do Brasil, por exemplo, Dr. Rodrigo costumava convidar como relator os Conselheiros de origem nordestina.

No caso do Parque do Flamengo, Dr. Rodrigo conversou comigo e falou: “Vou entregar ao Dr. Paulo porque ele é uma pessoa isenta e, portanto, ninguém discute o parecer dele.” Tratava-se de caso muito complicado e até mesmo discutível, porque era a primeira vez que se pretendia tomba um projeto, que constituía um bem cultural incompleto, então ainda em realização.

Imune aos interesses políticos e econômicos, o parecer do Conselheiro Paulo Santos historiou todo o processo de tombamento, concluindo assim: “O que fica tombado é o Projeto do Reidy”.<sup>81</sup>

A admiração que nutria por Lucio Costa é anterior ao seu ingresso no SPHAN. Paulo Santos elogiara a atuação do arquiteto, em 1930, como diretor da ENBA, destacando sua “extraordinária inteligência, aguda sensibilidade e superior visão”,<sup>82</sup> durante a sessão da congregação da FNA de 17 de março de 1954.

Essa admiração explicaria o fato de Paulo Santos não ter aceitado “receber nada pela administração”<sup>83</sup> da obra do apartamento de Maria Elisa, filha daquele arquiteto, confiada em 1964 a seu sobrinho Sergio, engenheiro da *Pires e Santos*. Além disso, parecera entender que a escolha da empresa que dirigia para executar a referida obra era em si uma deferência da parte de Lucio Costa.

A credibilidade depositada por Lucio Costa na competência da *Pires e Santos* demonstrava, por outro lado, que a admiração era recíproca. De fato, em algumas ocasiões em que se defrontaram profissionalmente, Lucio Costa teve a

<sup>80</sup> MELLO JÚNIOR, s.d., p. 1-19. Pasta *Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN*, arquivo n. 1242/1.

<sup>81</sup> TELLES, 2001a, p. 13-14, 6.

<sup>82</sup> UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1954, f. 18.

<sup>83</sup> COSTA, 1995b, p. 224.

chance de explicitar o apreço que nutria por Paulo Santos, ainda que diante das questões discutidas, nem sempre partilhassem do mesmo ponto de vista, como no caso do tombamento do Conjunto Arquitetônico da Avenida Rio Branco.

As atividades institucionais de Paulo Santos se estenderam também ao IHGB, onde ingressou, em 1960<sup>84</sup>, como sócio efetivo (Fotografia 11). Entre suas contribuições ao Instituto, destacaram-se a palestra *Varnhagen\* Crítico de Arte*,<sup>85</sup> proferida em 1978, integrando o *Curso Varnhagen*, organizado pela instituição quando do centenário de sua morte,<sup>86</sup> ao lado de conferencistas como Pedro Calmon e de José Honório Rodrigues\*. Este trabalho foi também apresentado com o título: *Adoção do termo manuelino em arte por Varnhagen - Varnhagen, como historiador e crítico de arte, distinguido por estrangeiros, ignorado por brasileiros* –, sob a forma de Comunicação, no II Congresso Brasileiro de História da Arte. Apontava a relevância de Varnhagen não só como crítico e historiador, mas sobretudo como autor da “designação estilo manuelino\*\* aplicada aos edifícios mandados construir no tempo de D. Manoel,”<sup>87</sup> atribuída, equivocadamente, até então a Herculano ou a Garrett pela tradição.

A atuação de Paulo Santos no IHGB não se restringiu às atividades de historiador. Como Presidente da Comissão de Obras<sup>88</sup> para a edificação da futura sede do Instituto, coordenou, acompanhou e fiscalizou sua construção junto à empresa *Pan-Americana Engenharia S. A.*, responsável pela execução das obras. Além disso, trabalhou com afinco para a obtenção de recursos nos órgãos competentes, com vistas à viabilização do empreendimento, conforme explicitou no relatório sobre a construção do novo edifício do IHGB:

<sup>84</sup> CORRESPONDÊNCIA ..., 1960. Pasta *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB 1*, arquivo n. 1242/1.

<sup>85</sup> Esta conferência havia sido apresentada em 1977, sob a forma de comunicação, na Academia Portuguesa da História em Lisboa (SANTOS, P., 1980f, p. 2). Pasta *Grupo VII*, arquivo n. 1239/3.

<sup>86</sup> BARATA, 2001 e *Convite do IHGB para a série de conferências em comemoração do Centenário de Morte de Francisco Adolfo de Varnhagen*, de agosto de 1978. Pasta *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB 1*, arquivo n. 1242/1.

<sup>87</sup> VASCONCELOS, 1879 (apud SANTOS, P., 1984a, p. 4, grifo do autor. Pasta *Produção Intelectual 2*, arquivo n. 1242/2).

<sup>88</sup> Ao contrário do que o engenheiro Augusto Carlos Vasconcelos, sobrinho de Paulo Santos, afirmou no artigo *A Presença de Paulo Ferreira Santos a respeito do edifício do IHGB*, Paulo Santos não foi o autor do projeto, tampouco executou sua construção. O projeto original foi elaborado pelo arquiteto Flavio Amilcar Regis do Nascimento e o projeto do Museu por Wladimir Alves de Souza e Geraldo Câmara, ficando a construção a cargo da empresa Pan-Americana de Engenharia S. A, sob a responsabilidade do engenheiro R. Feijó Bittencourt (VASCONCELOS, 1989, p. 171; INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, 1968d. Pasta *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB 2*, arquivo n. 1242/1; NASCIMENTO, 1971. Pasta *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB 2*, arquivo n. 1242/1; BARREIROS, 1972; Pasta *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB 3*, arquivo n. 1242/1; SANTOS, P., 1982d. Pasta *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB 3*, arquivo n. 1242/1; SANTOS, S., 2001).

No meu caso particular, como preliminar, considero-me responsável, quicá o principal responsável pela paralização da obra. Relembro que, guindado desde o começo da administração Pedro Calmon, à Presidência da Comissão de Obras, em substituição a Morales de los Rios (cuja esposa se achava internada numa Casa de Saúde), durante dois anos admiti que minhas funções devessem circunscrever-se à arquitetura e à construção; não ao financiamento. [...]

Para redimir-me da minha omissão tenho me esforçado por recuperar o tempo perdido, não à maneira proustiana, mas na de um homem de empresa, prático e atuante, e – seja-me relevado dizê-lo à guiza de defesa –, entregando-me ao Instituto de corpo e espírito, num ininterrupto dia a dia que dura há 3 anos e não exclue nem os sábados e domingos, preterindo tôdas mais ocupações da vida e numa ocasião em que, aposentado da cátedra, isso tornou-se viável. À direção dos problemas de arquitetura e construção, passei a acrescentar o agenciamento dos financiamentos e planificação geral do empreendimento, em assessoria à administração Pedro Calmon. E em tal modo me empenhei em todo êsses setôres que tenho hoje a sensação de ser a roda dentada de uma engrenagem que gira sem cessar, não me adiantando pensar em sair porque faço parte dela como de um todo indiviso. Não é o Instituto que é um pedaço da minha vida; eu é que sou um pedaço do Instituto. [sic]<sup>89</sup>

O confrade Virgílio Corrêa Filho destacara em 1972 a participação efetiva do IHGB, representado por Paulo Santos, na construção da nova sede:

O Instituto empreendeu, em contatos a bem dizer diários, não só todas as iniciativas para os financiamentos, como acompanhou a elaboração dos projetos e detalhes técnicos, com idas semanais do seu representante, Dr. Paulo Santos, ao escritório do professor Wladimir Alves de Sousa\* e exame dos desenhos na prancheta. Manteve contatos freqüentes com o arquiteto Régis do Nascimento, principalmente quando os projetos de instalação afetavam os do prédio, podendo-se afirmar que o programa elaborado com aquiescência e colaboração do Colegiado, em mesa redonda, foi cuidadosamente cumprido, com maior apuro num ou noutro pormenor, tendo-se em conta os interesses da entidade e os seus superiores designios de bem servir à cultura e à Pátria.<sup>90</sup>

Esse depoimento corrobora a afirmação, daqueles que com ele conviveram, de que Paulo Santos se entregava de corpo e alma às tarefas a que se propunha desenvolver.

Relevante foi, também, sua atuação no Conselho Superior de Planejamento Urbano, órgão normativo e consultivo, criado em janeiro de 1972, diretamente vinculado ao Governador do Estado, cujas atribuições principais consistiam em estabelecer diretrizes do planejamento urbano e em emitir pareceres sobre os assuntos relacionados à defesa do patrimônio arquitetônico, paisagístico, social e histórico do Estado do Rio de Janeiro.<sup>91</sup>

<sup>89</sup> SANTOS, P., 1973b, p. 2-3. Pasta *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB* 3, arquivo n. 1242/1.

<sup>90</sup> CORRÊA FILHO, 1972, p. 50.

<sup>91</sup> CONSELHO SUPERIOR DE PLANEJAMENTO URBANO, 1972a.



Fotografia 10

Almoço de confraternização de arquitetos e engenheiros na Estação de Hidroaviões - década 1950  
 (1) Ricardo Batalha Menescal (2) João Henrique Rocha (3) Nei Fontes Gonçalves (4) Thales Memoria  
 (5) Roberto Cavalcanti (6) Pericles Memoria (7) Paulo Ferreira Santos (8) Paulo Ewerard Nunes Pires  
 (9) Archimedes Memoria (10) Eugênio Hime (11) Nathan Feferman

Fonte: Acervo pessoal Nathan Feferman



Fotografia 11

Paulo Ferreira Santos com (1) Lucas Mayerhofer (2) Mario de Andrade e outros - S.I., s.d.

Fonte: Acervo pessoal Maria Amélia Motta Santos



Como membro deste Conselho, Paulo Santos atuou em conjunto com expoentes da arquitetura e do urbanismo como:<sup>92</sup> Jorge Machado Moreira\*, Lucio Costa, Mauro Ribeiro Viegas, Roberto Burle Marx, e Wladimir Alves de Souza, liderando casos de grande repercussão e controvérsia, como o da preservação do Parque Henrique Lage, considerado “a primeira grande vitória do Conselho de Planejamento.”<sup>93</sup>

Nesse mesmo ano, iniciaria também sua participação como sócio fundador do Comitê Nacional de História da Arte - CNHA,<sup>94</sup> filiado ao *Comité International d’Histoire de l’Art*, criado em junho de 1972, com o objetivo de estimular trabalhos relativos à história da arte no Brasil e de estabelecer o intercâmbio com países da América Latina na formação de sua expressão plástica. Este Comitê agregava historiadores da arte brasileiros ou residentes no país, tendo como membros honorários: Dom Clemente da Silva Nigra, Lucio Costa e Mario Antônio Barata. No I Colóquio Nacional de História da Arte, promovido pelo Comitê em agosto de 1975, Paulo Santos apresentou as comunicações: *Interação de passado e presente no processo histórico da arquitetura do Brasil* e *Constantes da sensibilidade do povo brasileiro*.<sup>95</sup> Desenvolveu, ainda, os trabalhos *Direitos Humanos – pela humanização da arquitetura e do urbanismo*, para o III Colóquio realizado em 1977, e *O Século XIX: a revolução industrial e a mecanização das artes*, para o V Colóquio ocorrido em 1979.<sup>96</sup>

O professor e crítico de arte Mario Antônio Barata nos apontou, em entrevista, o prazer com que Paulo Santos participava das atividades do CNHA:

Bem, eu comentei com você sobre uma nota do peculiar comportamento humano do Paulo Santos. Nesta entidade, digamos, de classe, ele tinha prazer

<sup>92</sup> GUANABARA, 1972a.

<sup>93</sup> SANTOS, P., 1972a, p. 1. Pasta *Correspondência I*, arquivo n. 1239/3.

<sup>94</sup> O CNHA constitui-se de sociedade civil, de natureza científica, sem fins lucrativos, fundada em reuniões no Rio de Janeiro e São Paulo, nos dias 03 de junho e 09 de junho de 1972, respectivamente. É filiado ao *Comité International d’Histoire de l’Art*, com secretariado científico em Paris e administrativo na Suíça. <sup>94</sup> Como membros fundadores do Comitê Nacional de História da Arte foram designados todos os presentes que, no ato de fundação da entidade, aceitaram sua filiação: Aracy Amaral, Augusto Carlos da Silva Telles, Flávio Motta, Joaquim de Souza Leão, José Roberto Teixeira Leite, Lygia Martins Costa, Lucio Costa, Luis Saia, Mario Antônio Barata, Nestor Goulart dos Reis Filho\*, Paulo Ferreira Santos, Paulo Thedim Barreto\*, Raphael Boungermino Netto, Walter Zanini e Wolfgang Pfeiffer. Decidiu-se também conferir a condição de membro honorário a: Lucio Costa, Dom Clemente da Silva Nigra e Mário Antônio Barata (COMITÊ NACIONAL DE HISTÓRIA DA ARTE, 1972a; 1972d. Pasta *Comité International d’histoire de l’art*, arquivo n. 1242/1).

<sup>95</sup> SANTOS, P., 1986; 1988; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1975b. Pasta *Congressos, Encontros e Seminários*, arquivo n. 1242/1.

<sup>96</sup> Estas comunicações foram publicadas na Folha de S. Paulo em 14 de julho de 1977 e no *Suplemento Cultural de O Estado de S. Paulo* em 30 de dezembro de 1979, respectivamente (VASCONCELOS, 1989, p. 175).

imenso de cooperar. Ele fazia questão de preparar o trabalho, mesmo não indo à reunião. Quando era em São Paulo, como não gostava de viajar mais, pedia a outros companheiros que apresentassem seu trabalho. Pelo menos uma vez, ele me pediu e eu li o seu trabalho lá em São Paulo. Então, esse é um lado humano importante. Ele que era empresário, além de professor, tinha prazer de estar em uma instituição acadêmica, no sentido de estudo científico.<sup>97</sup>

A possibilidade de apresentar pessoalmente em plenário um trabalho de sua autoria era considerada de menor importância do que o interesse do historiador em elaborá-lo. Convém não esquecer, também, que Paulo Santos era avesso a eventos sociais, de modo geral.

Com efeito, a reclusão era uma de suas características marcantes, fazendo com que se limitasse a receber em seu retiro familiar apenas as pessoas mais íntimas, fossem amigos ou parentes e, ainda assim, nos dias e nos períodos por ele estabelecidos, como nos relatou o sobrinho Sergio em entrevista para o presente trabalho:

Eu fazia parte do grupo restrito daqueles que ele recebia em sua casa. Reclamava, inclusive, que eu pouco o visitava. Mas eu me lembro um dia, por exemplo, em que fui lá e me alonguei na conversa com ele e em determinado momento ele me sugeriu que eu fosse embora, porque queria almoçar. Era um tipo assim, com algumas excentricidades.<sup>98</sup>

Esse grupo restringia-se aos sobrinhos Paulo de Tarso, Augusto Carlos e Sergio, o cunhado Thompson e os amigos Silva Telles, Mario Barata\* e Alfredo Britto.

Sempre metódico e seletivo, Paulo Santos reservava os finais de semana exclusivamente à esposa e a seus livros, não atendendo nem mesmo aos telefonemas.

Na década final de sua vida, já afastado de suas atividades empresariais e acadêmicas, Paulo Santos, passou a se dedicar integralmente às suas pesquisas, conforme confidenciou em carta a Germain Bazin, ao comentar sobre a vinda do historiador francês ao Rio de Janeiro para o lançamento da edição, em português, do livro de Bazin intitulado *L'Architecture Religieuse Baroque ao Brasil*:

*Si vous désirez me r'encontrer a Rio, à plus forte raison je le désire moi même, [...] et cogite déjà a quoi faire pour le succès de l'événement. Malheureusement je suis inapte pour ces choses, "encolhido" dans ma coquille et de tempérament bisogne. Pas de relations. Je ne sors pas de la maison, plongé dans mes écrits et mes livres.[sic]<sup>99</sup>*

<sup>97</sup> BARATA, 2001, p. 11.

<sup>98</sup> SANTOS, S., 2001, p. 12.

<sup>99</sup> "Se o senhor deseja me encontrar no Rio, com razões ainda mais fortes eu o desejo também, [...] e cogito já o que fazer pelo sucesso do evento. Infelizmente sou inapto para essas coisas,



Considerando-se seu feitio bisonho *de bicho da toca*<sup>100</sup>, os encontros eventuais com os amigos constituíam algumas de suas extravagâncias sociais. Os almoços realizados, sempre em clima protocolar, no restaurante *Dinabar* na Barra da Tijuca, reuniam assiduamente o grupo seleta de amigos. Nestes, costumavam freqüentar: Nathan Feferman, Edgar Albuquerque Graeff\*, Mario Barata e eventualmente um ou outro amigo.<sup>101</sup> Já o restaurante *Esquilo*, por sua localização privilegiada em meio à Floresta da Tijuca, era o escolhido para os encontros com personalidades estrangeiras, como os historiadores portugueses Reynaldo dos Santos\*<sup>102</sup>, Marcello Caetano e Joaquim Veríssimo Serrão, então presidente da Academia Portuguesa da História, propiciando-lhes a oportunidade de desfrutar as belezas da flora e da fauna brasileiras. Para estes almoços, Paulo Santos procurava convidar pessoas que apresentassem interesses comuns, de modo a proporcionar encontro prazeroso, como ele próprio explicou ao amigo Britto, ao comentar sobre o convite formulado ao historiador Serrão:

Serrão, já no Rio acaba de telefonar-me e perguntou pelo meu amigo Britto, “muito simpático”, etc. Pensei você ter sido superficial, convencional, seu contato em Lisboa com o Serrão. Mas enganei-me. Creio que vocês ficaram amigos... Que bom! [...] Só convido as pessoas quando imagino que elas tenham prazer e não por mero protocolo.<sup>103</sup>

Paulo Santos se mostrava minucioso até mesmo para formular um simples convite.

No final da década de 1960, Paulo Santos foi obrigado a afastar-se de suas atividades profissionais, por aproximadamente quinze meses, em decorrência de problema de visão, que o impedia, inclusive, de usufruir de um de seus maiores prazeres: a leitura, conforme expôs em carta a Germain Bazin:

*Et au surplus, pris d'une catarate aigüe que ne me permet pas de lire aucun livre et ni quelque page dactilographié. C'est une maladie récente (de laquelle je suis en train de m'opérer) [...]. [sic]*<sup>104</sup>

---

'encolhido' em minha concha e com temperamento bisonho. Sem amigos. Eu não saio de casa, mergulhado em meus escritos e livros” (tradução de Carla Fortes Balzana); (SANTOS, P., 1979b, p. 1. Pasta *Correspondência*, arquivo n. 1242/1).

<sup>100</sup> SANTOS, P., 1981e, p. 1.

<sup>101</sup> TELLES, 2001, p. 25, 68-69 (BARATA, 2001a; SANTOS, P., 1983c).

<sup>102</sup> Escolhemos arbitrariamente a grafia *Reynaldo dos Santos*, pois as obras publicadas deste médico e historiador de arte português, apresentam indiscriminadamente ambas as grafias *Reynaldo* e *Reinaldo*.

<sup>103</sup> SANTOS, P., 1983c, p. 1. Pasta *Correspondência I*, arquivo n. 1239/3.

Diagnosticado como tuberculose ocular, Paulo Santos teve que se submeter a rigoroso tratamento à base de fotocoagulação para deter hemorragias na retina, incluindo cirurgia de glaucoma e de catarata, que o obrigaram a permanecer por muito tempo longe da claridade excessiva. Deste modo e mesmo portando óculos com lentes de grossa espessura, Paulo Santos conseguiu driblar a moléstia que o havia deixado visualmente debilitado.

Em meados de 1968, Paulo Santos retomou suas atividades acadêmicas. Como seu estado de saúde ainda requeria cuidados especiais, solicitou dispensa das aulas regulares durante o ano em curso, propondo-se a elaborar trabalho a ser publicado sobre a História da Arquitetura na Cidade do Rio de Janeiro, segundo a carta que escreveu ao professor Paulo Pires, então diretor da FNA:

Como é do seu conhecimento, embora minha saúde tenha melhorado, ainda tenho recomendações médicas de evitar esforços, como seriam os de ir regularmente à Faculdade de Arquitetura para dar aulas. [...]

Por isso, considerando a questão com outros colegas da Faculdade, adimitimos, conjuntamente, a possibilidade de que eu requeresse dispensa das aulas no ano em curso, com a obrigação de escrever um trabalho sob o título História da Arquitetura na Cidade do Rio de Janeiro, e de publicá-lo.[...]

Com isso, acredito dar à Cadeira de Arquitetura no Brasil, que há 22 anos venho tendo a honra de lecionar nessa Faculdade, contribuição mais substancial do que seriam as aulas do presente ano, porque esse trabalho estará destinado, espero, a não perecer, ficando, ao contrário incorporado à matéria do programa da Cadeira e ao acêrvo cultural da Faculdade. [sic]<sup>105</sup>

A 28 de julho de 1969,<sup>106</sup> aposentou-se de suas atividades docentes e em 1974,<sup>107</sup> encerrou sua atuação como empresário da Pires e Santos, passando a dedicar todas as manhãs e os dias inteiros de sexta-feira, sábado e domingo às suas pesquisas, segundo informou ele próprio ao Sr. Manoel Caetano Bandeira de Mello, então Secretário Geral do Conselho Federal de Cultura, em carta na qual aceitava o convite para apresentar a área em que atuava perante a Câmara do Patrimônio Artístico do referido Conselho:

Aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da U.F.R.J. e tendo me afastado da atividade profissional de Arquiteto e Construtor, para, nos anos que me restam (porque estou fazendo 70 anos de idade), dedicar as manhãs por inteiro e mais as 6<sup>as</sup> sábados e domingos a escrever meus livros, todos dedicados à História Crítica da Arquitetura e do Urbanismo no Brasil, limito minha atividade externa ao Instituto Histórico, ao Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional e ao Conselho de

<sup>104</sup> “E de resto, preso por uma catarata aguda que não me permite ler nenhum livro e nem qualquer página datilografada. É uma doença recente (da qual estou me operando)[...]” (SANTOS, P., 1979b, p. 1-2). Pasta *Correspondência*, arquivo n. 1242/1.

<sup>105</sup> SANTOS, P., 1968b, p. 1, grifo do autor. Pasta *Correspondência FAU-UFRJ*, arquivo n. 1239/3.

<sup>106</sup> VASCONCELOS, 1989, p. 175.

<sup>107</sup> SANTOS, P., 1981g, p. 22.

Planejamento Urbano do Estado da Guanabara. De que livros se trata, creio ser matéria que se inclui no depoimento que se pretende de mim. [sic]<sup>108</sup>

Paulo Santos sentiu-se distinguido com o convite, que visava estabelecer o intercâmbio entre o Conselho Federal de Cultura e escritores, artistas, cientistas sociais e outros representantes das várias áreas culturais.

Desde então, refugiou-se da vida atribulada numa casa espaçosa e extremamente acolhedora na Ilha do Governador, onde os inúmeros cachorros não mais representavam ameaça à vizinhança. Situado no final da Praia da Bica, lugar sossegado no qual a natureza imperava magnânima com a praia se misturando à vegetação, recanto ideal para o acolhimento do pesquisador. Seu ambiente de estudo lembrava-lhe o cantinho em cima do armário, reminiscência da infância. Segundo o cunhado Thompson, este ambiente assemelhava-se às cenas dos filmes de *Frederico Fellini* – onde a realidade se mesclava ao onírico –, porque conciliava discrepâncias como raras obras literárias em convivência com matilha de mais de sessenta cães. O silêncio bucólico dos livros em perfeita sintonia com a algazarra canina. Ali, os interesses dele se aliavam aos dela. Como suportava esta mixórdia? Somente sua personalidade invulgar poderia explicar.

Em 1981, o arquiteto Paulo Ferreira Santos recebeu, pelo conjunto de suas obras, o título de Personalidade do Ano do Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/RJ (Fotografia 12). Na ocasião, Paulo Santos expressou não se sentir à altura da homenagem, pois repensando sua vida, via-se com uma *lanterna* na mão à procura do que poderia ter feito que justificasse aquele gesto. Após evocar os principais momentos de sua trajetória, compartilhando-os com os que o assistiam, concluiu: “[...] recolho a minha lanterna, não muito convencido de que tudo isso mereça crédito igual ao débito”.<sup>109</sup>

A modéstia e a discrição reveladas no comentário mostram, sem dúvida alguma, traços do caráter deste profissional que, de fato, soube construir-se aos olhos de seus contemporâneos, colegas e seguidores, como uma *personalidade*. Estas marcas e outras, personalíssimas, puderam ser evidenciadas desde o início de sua vida.

Na etapa final da vida, Paulo Santos ressentia-se de seu afastamento voluntário do convívio social que, deixando de lhe ser vantajoso, tornara-se grande inconveniente. Sentia-se extremamente isolado pela falta do exercício profissional, do relacionamento com os colegas, do contato com os alunos, enfim

<sup>108</sup> SANTOS, P., 1974a, p.1, grifo do autor. Pasta *Correspondência*, arquivo n. 1242/1.

da interação com o mundo, pois havia trocado a vida dinâmica do escritório pelo mundo silencioso dos livros. Nesse momento, a amizade com o ex-aluno Alfredo Britto foi providencial, conforme confidenciou em carta ao amigo:

Pela primeira vez na vida eu perdi a iniciativa em coisas assim. Eu faço, mas é você que estimula, que pede, que toma a frente. E dizer que durante 8 anos você me substituiu na Cadeira de Arquitetura no Brasil da Faculdade sem que nos conhecêssemos! De repente nos unimos como se você fosse meu amigo desde que entrei na Faculdade em 1947.<sup>110</sup>

Com Britto passou a debater assuntos de história, arquitetura, urbanismo e da própria vida, pontilhados pelos acontecimentos cotidianos do Brasil e do mundo.

A amizade surgida entre eles foi o modo encontrado por Paulo Santos para interagir com o mundo exterior sem sair de seu hábitat, pois, além do hábito – jamais abandonado – de reclusão, àquela altura da vida, sua idade avançada dificultava grandes deslocamentos, como observou o amigo Britto:

Mas a história nossa começa em 1981, quando fui Dirigente Nacional do IAB. Logo que assumimos a nova diretoria, constituída por Fernando Burmeister, Joca Serran\* e eu, numa bolação nossa, dissemos: “Vamos criar a *Conexão IAB* e publicar todas as obras importantes”. E aí eu propus a obra de Paulo Santos. E a primeira publicação foi o *Quatro Séculos de Arquitetura*.

Já era uma relação fraternal, porque aí estabeleceu-se uma rotina. Ele não saía mais de casa, pois dissera que nunca mais sairia de casa, e não saiu mesmo. Este é o outro lado do Paulo, que é muito complicado, mas ele decidiu que não saía mais de casa e o que ele queria era que eu fosse para lá, se pudesse, todo dia. Ele adorava conversar comigo. Ele começou a ficar mais jovem porque eu vivia uma série de coisas e trazia para ele a vida, a verdade é essa!

É como se ele revivesse de quinze em quinze dias!<sup>111</sup>

Em outra entrevista para este trabalho, Alfredo Britto assim se pronunciou, a respeito da grandeza de espírito do amigo:

Mas ele era um homem extraordinário nesse sentido. Porque eu vi esse homem aos oitenta e tantos anos abrir o peito, como muito pouca gente abriu. Sabe, assim, uma pessoa que não foi “analisado”, sem instrumento nenhum, complicado, mas a grandeza dele, a sinceridade dele era uma coisa extraordinária.<sup>112</sup>

A admiração que Britto lhe dedicava está implícita na correspondência assídua que mantiveram, na década final da vida do historiador, como, por exemplo, a

<sup>109</sup> OLIVEIRA, 1988a, p. 22-23; SANTOS, P., 1981h, p. 24.

<sup>110</sup> SANTOS, P., 1981c, p.1.

<sup>111</sup> BRITTO, 2001a, p. 3-4, 6.

<sup>112</sup> BRITTO, 2001a, p. 17.

carta na qual Britto agradeceu ao *amigo e mestre* a sabedoria que lhe foi transmitida:

Na sexta-feira, dia 10, já saí de sua casa fortalecido. Certamente era outro, tal a dose de realismo, confiança e estímulo que recebi. [...] Longe de ficar estarecido com suas idéias e sua orientação para a prática da vida e da profissão, fiquei extremamente orgulhoso e feliz de poder participar de sua convivência e receber toda essa sabedoria que no topo de seus 80 anos você transmite com extraordinária lucidez, objetividade e “pique-de-vida”. É mais uma lição inesquecível.<sup>113</sup>

A personalidade altruísta de Paulo Santos, destacada nesta carta de Britto, transparece também nas cláusulas de seu testamento.

Como não tinha herdeiros diretos, Paulo Santos doou alguns de seus bens patrimoniais a entidades de benemerência, como o Hospital Pro-Matre e a Legião Brasileira de Assistência. Em carta ao sobrinho Sergio, Paulo Santos confidenciou-lhe a respeito:

E se tiver de deixar algum apartamento para pessoa necessitada, segundo ela, será em usufruto, porque o problema nosso é um só: devolver à Sociedade o que da Sociedade nos veio às mãos. Nosso dinheiro não nos pertence. Somos os mandatários de uma Vontade Maior. E não queremos ser omissos, ser negligentes. Recebemos inteligência e (bens!) para alguma coisa fazer.<sup>114</sup>

A própria referência à uma *Vontade Maior*, revelaria alguma concepção, digamos, – teísta. Entretanto, Paulo Santos não se mostrava uma pessoa vinculada a manifestações de cunho religioso, posto que nenhum dos amigos ou de seus familiares apontou este aspecto como traço de sua personalidade. Ao contrário, seu intento de ajudar as pessoas econômica e socialmente menos favorecidas, exposto não somente nas cláusulas de seu testamento mas sobretudo em suas atitudes cotidianas, deixa entrever o caráter humanitário, pois se acreditava comprometido com a sociedade a serviço de “uma Vontade Maior”. Seu profundo interesse pela arquitetura religiosa constituiu uma coincidência apenas curiosa.

No final de sua vida, o dinamismo característico de Paulo Santos foi sendo substituído pela apatia decorrente da decepção de não ver sua obra publicada como desejava, conforme constatou o amigo Alfredo Britto:

No final da vida ele já estava muito magoado. Ele me disse mais de uma vez que ia morrer porque se sentia traído. E a traição dele, referia-se à

<sup>113</sup> BRITTO, 1982a, p. 1-3.

<sup>114</sup> SANTOS, P., 1983a, p. 1, grifo do autor. Pasta *Correspondência I*, arquivo n. 1239/3.

impossibilidade de publicar seus trabalhos da forma como desejava. À medida que eu fui me aproximando desse tesouro, ele foi me abrindo as pastas, abrindo as coisas dele, coisas que ele tinha começado e não tinha terminado, planos de obra que apenas começara. Aí, quando eu vi aquele tesouro... Falei com Aloísio Magalhães, de quem era amigo, pois ele era da Fundação Pró-Memória e Diretor do IPHAN, e então ele disse: “Por que a gente não edita isso tudo pelo IPHAN?”<sup>115</sup>

O apoio prometido por Aloísio Magalhães neste sentido foi, infelizmente, interrompido em decorrência de seu falecimento. Paulo Santos viu, então, se dissipar a última esperança de ver sua obra completa publicada, o que o deixou extremamente abalado.

O perfeccionismo exigido por ele em seus próprios trabalhos o levou a reconhecer – em torno dos últimos seis meses de vida – o momento propício para parar de escrever, receando redigir algum estudo que pudesse conspurcar aqueles produzidos anteriormente. Seu preciosismo visava, entre outras coisas, preservar a qualidade de suas obras de história.

Vitimado por um enfarte fulminante, Paulo Santos faleceu num domingo, aos 84 anos, em sua residência da Praia da Bica, na cidade natal onde sempre viveu, a 7 de agosto de 1988. O corpo foi cremado em São Paulo como era seu desejo, e as cinzas espalhadas na serenidade do Parque da Cidade, no Rio de Janeiro, por sugestão de Maria Amélia.

A respeito de seu caráter perfeccionista, Paulo Santos fez questão de inserir em seu testamento uma cláusula relativa a futuras edições e reedições de suas obras de história:

Que é ainda seu desejo, que os proventos decorrentes do que lhe couber nas edições e reedições dos livros de cuja elaboração seja autor ou co-autor sejam destinados, em partes iguais, às organizações que os couberem e realizarem e às editoras que os editarem.<sup>116</sup>

A pedido de Maria Amélia, Sergio Santos acrescentou, como inventariante de seu espólio, outros detalhes referentes à publicação das obras de Paulo Santos:

Por outro lado é desejo da viúva do Professor Paulo Ferreira Santos que, na capa dos livros a serem re-publicados, conste “Edição não revista pelo autor”.<sup>117</sup>

<sup>115</sup> BRITTO, 2001a, p.11.

<sup>116</sup> Cf. *Escritura de Testamento Público*, cláusula 9ª, homologada no 10º Ofício de Notas. Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Comarca da Capital. Tabelião José Augusto Proença Gomes. Rio de Janeiro, 11 nov 1987. Livro 4144, f. 132, ato 34.

<sup>117</sup> SANTOS, S., 1990, p. 1.

Ao registrar estas observações em carta assinada pela viúva de Paulo Santos, Sergio estaria assegurando a qualidade das obras escritas pelo tio.

A administração dos bens de Paulo Santos bem como os cuidados com Maria Amélia, atualmente com 97 anos de idade, estão a cargo do sobrinho Sergio, nomeado seu testamenteiro e inventariante. Apesar da idade avançada, a viúva encontra-se lúcida, apresentando, como seria natural, certa deficiência visual. Reside num sítio, vizinho à Fundação Pró-Animais, na Pedra de Guaratiba, no Rio de Janeiro, o que lhe permite, como sempre desejou, o convívio com seus cães.

O discurso proferido pelo professor Augusto Carlos da Silva Telles, na inauguração da Biblioteca Paulo Santos, no Paço Imperial, em 2 de dezembro de 1993, reitera o perfil de Paulo Santos:

Paulo Santos foi um mestre entre mestres, de nível internacional relacionando-se com os mais conceituados críticos e historiadores de arquitetura, de diferentes países, mas, ao mesmo tempo, foi o amigo, o colega, o pai de muitos dos que com ele trabalhamos ou nos relacionamos como alunos, como colegas, no mesmo interesse pela história da arquitetura e do urbanismo, e sua evolução no mundo e no Brasil. Sua falta representa uma perda difícil de ser recuperada, mas um grande estímulo para todos nós, no sentido de procurar, ao menos de longe, seguir seu exemplo de probidade, dedicação, colaboração e interesse por tudo quanto era levado a seu conhecimento. Estímulo, enfim, a darmos continuidade a seus estudos e pesquisa, e a nos dedicarmos a conseguir publicar seus estudos inéditos, fundamentais à cultura brasileira.

Esta biblioteca é, em parte, sua presença no meio de nós. Ela é pluridisciplinar, com interesses os mais amplos, como eram os de Paulo Santos. [...]

A presença desta biblioteca no Paço Imperial é uma conjugação feliz. Sua localização em um edifício de alto valor histórico e arquitetônico e que, ao mesmo tempo, por sua localização, participa do novo centro cultural da cidade, propiciará o atendimento mais amplo a pesquisadores e estudiosos nas áreas das artes, da arquitetura, do urbanismo, da história e, de uma forma geral, da cultura, no Brasil em nosso tempo.<sup>118</sup>

O atendimento, ao qual se referiu Silva Telles em seu discurso, foi um dos principais propósitos perseguidos por Paulo Santos quando docente e historiador.

Como coroamento das impressões que deixou naqueles que, de uma maneira ou de outra, conviveram com ele, nada mais oportuno do que o testemunho do próprio Paulo Santos a seu respeito.

Após alguns anos de pesquisa junto às obras de Paulo Santos, a leitura do discurso pronunciado por ele em 27 de julho de 1977, quando do ingresso do Professor Lucas Mayerhofer no IHGB, foi, no mínimo, surpreendente. Trata-se

<sup>118</sup> TELLES, 1994a, p. 574-578. Discurso de inauguração da Biblioteca Paulo Santos no Paço Imperial realizado em 2 de dezembro de 1993.

muito mais de uma carta em que confia ao amigo os dissabores de toda uma vida, do que propriamente um discurso de homenagem.

Além das confidências que deixou aflorar, o lirismo de suas palavras descortina as emoções e sentimentos de um Paulo Santos destoante daquele homem circunspecto, de atitudes comedidas, considerado quase um monge:

As nossas [vidas], deram-se as mãos desde quando, em 1920, meninos de 15 para 16 e 17 para 18 anos, ingressamos na Escola de Belas Artes, recebendo, ambos, como primeiro impacto e iniciação de beleza artística, a presença dominadora da Vitória de Samotrace, ergüida, imensa, diante de nós, à entrada do edifício, avançando, impávida, contra o vento que lhe agita a túnica em dobras e ondulações. Corporificação da vitória, "Asas abertas sobre nós", Imagem com que no hino, Medeiros e Albuquerque concebeu a liberdade e me é caro invocar como selo da nossa amizade, que só por ela – a liberdade, pôde subsistir tão grandes são as diferenças de nossos temperamentos. [sic]<sup>119</sup>

A riqueza de detalhes com que evocou aquele momento, vivenciado há mais de meio século, nos permite visualizar a cena de forma quase palpável.

Paulo Santos parece ter sido envolvido por profunda emoção, eco não só pela amizade de mais de cinquenta anos que nutria pelo professor Mayerhofer, como também pela oportunidade de retribuir a recepção que este lhe fizera em nome da Congregação, quando de seu ingresso oficial como professor catedrático da FNA em 1951.<sup>120</sup> Além disso, a cerimônia, que teve lugar no ambiente onde convivia com seus confrades há quase duas décadas, se realizara a 27 de julho, coincidindo com o aniversário em que completava 73 anos. Discorrendo com erudição sobre arte, literatura e filosofia, Paulo Santos continuou a homenagem ao amigo Lucas:

Aqui está, para vós, uma definição de propósitos. É a beleza da forma que vos seduz e procurais. E se o primado da forma, nas artes plásticas, vos dá o modelo de um Wolfflin, na literatura vos concede o perfeccionismo de um Flaubert, capaz de derrubar uma floresta para, com a madeira, fazer uma caixinha, ou ainda a procura de efeitos de um Poe, na admirável apresentação de *O Corvo*, a que costumais referir-vos; ou ainda o amoroso cinzelar do príncipe dos nossos poetas parnasianos, para quem a construção literária é um trabalho de ourives, que torce, lima, aprimora a frase, e o ato de criação uma tortura: <<Ardes, sangras, pregada à tua cruz e em breve, vês desfeito em lodo o que te deslumbrava>>. [sic]<sup>121</sup>

Nos momentos do discurso em que confidenciou sobre sua maneira de ser tão diferenciada da do amigo, mas que não impediu essa profícua amizade, Paulo

<sup>119</sup> SANTOS, P., 1977f, p. 38.

<sup>120</sup> UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1951, f. 29.

<sup>121</sup> SANTOS, P., 1977f, p. 41.



Santos fez o balanço de sua vida profissional, destacando seus desejos e frustrações:

Nossas diferenças de temperamento e de gosto começaram na escolha dos caminhos, que só no ocaso da vida estamos podendo perceber quais foram. Se em vós predominou o da *Beleza*, se expressando na *Arte*, e mais caracterizadamente na *História da Arte*, em mim os três caminhos se fundiram num só, em busca de um equilíbrio que costumais dizer ser uma das minhas constantes, mas em que já enxerguei virtudes que presentemente não vejo, sentindo-me frustrado diante do que verdadeiramente desejava ter feito: uma obra sólida de História da arquitetura, que alimento a talvez tola ilusão de que teria sido capaz de fazer; e que não sofresse competição das atividades práticas e utilitárias, ainda que o tino para estas últimas, de que antes me aborreço do que me envaideço, me proporcione às vezes oportunidades, como quando a serviço deste Instituto, que atenuam o desgosto que me causa.<sup>122</sup>

A preferência pela atividade de pesquisador e de docente foi textualmente admitida, em que pese que a habilidade na prática projetual e construtiva tenha lhe propiciado oportunidades ímpares, como projetar e construir a ETE e gerenciar as obras do edifício do IHGB. O interessante é que foram justamente seus conhecimentos técnicos que marcaram a singularidade de suas pesquisas e preleções sobre a história da arquitetura e do urbanismo no Brasil, fazendo com que o entendimento das formas arquitetônicas se entrelaçasse com o de seu veio histórico.

A exteriorização de suas emoções nesse discurso constitui procedimento incomum da parte de Paulo Santos, que primava por sua circunspeção, jamais deixando transparecer qualquer tipo de preferência ou de envaidecimento sobre suas atividades profissionais. Nos diversos setores em que atuava, se restringia a desenvolver exclusivamente as atividades pertinentes a eles, evitando comentar sua atuação nos demais departamentos.

Avesso a externar suas predileções e seus sentimentos pessoais é de se estranhar a exposição, no discurso a Lucas Mayerhofer, de sua preferência pelo poeta Baudelaire bem como sua atração pelo pré-romantismo *rousseauiano* de Werther em Goethe. Contrariando suas atitudes de praxe, Paulo Santos falou bastante de si mesmo, embora justificasse que o fazia para manter-se fiel ao tema das vidas paralelas, com que havia iniciado o discurso. Chegou ao ponto de realizar comparações de seu modo e de seu ambiente de estudo com os dos personagens de Anatole France e de Eça de Queiroz, ilustrando sua descrição com detalhes arquitetônicos. Ao responder ao amigo Lucas se houve algum livro que havia exercido influência significativa em sua vida, Paulo Santos diria:

<sup>122</sup> SANTOS, P., 1977f, p. 41-42.

Respondo pela negativa. Ficaram-me na lembrança personagens apenas, cuja presença eu reconheço em certas situações da vida; por exemplo: em Anatole, Mr. Bergeret e seu secretário, no Eça, o Gonçalo, Vizualizo o secretário de Mr. Bergeret, encarapitado no cimo de uma escada de duas pernas, na biblioteca do senhor, passando o dia a procurar, nas estantes o que ele lhe determinara – prática que só agora, aos setenta anos de idade, estou conseguindo realizar na plenitude. Com uma diferença: Mr. Bergeret e seu secretário, são hoje uma só pessoa; eu mesmo. E o meu gabinete de trabalho é mais parecido com o do Gonçalo: uma mesa antiga – não imensa como a dele –, com janelas dando para debaixo de um enorme dossel de basto arvoredado, entre o mar e a mata, e com cheiro de mata quando chove. [...] Era onde Gonçalo Mendes Ramires se empenhava em escrever a história da vetusta Torre de D. Ramires, em meio a paredes escaioladas de azul; eu as tenho também escaioladas, mas de branco e ao invés das pesadas estantes de pau preto do fidalgo, as possuo de peroba do campo, mais leves, e a repousarem nelas, não tão grossos folios de convento e de foro, nem tão cobertos de pó e com a mesma gravidade nas lombadas de carneira, que adivinho de muita antigüidade – quanto às minhas, – ai de mim! –, são na maioria trivialmente modernas –, falta que talvez até certo ponto se compense com o que Gonçalo não tinha e aposto lhe apeteceria ter: 42 pequenos azulejos antigos embutidos na parede, cada qual com as armas de uma cidade de Portugal, precedidos de mais de mil livros da mesma procedência – estes sim, Gonçalo os teria, e melhores –, que à entrada da minha Biblioteca de tetos abobadados vestidos de madeira, lhe montam guarda, perfilados\*\* ao longo dos 15 metros da parede. [sic]<sup>123</sup>

Paulo Santos expôs o orgulho por sua Biblioteca, confidenciando mais adiante que teria sido feliz simplesmente se lhe fosse franqueado, como monge beneditino ou franciscano, o acesso à Biblioteca repleta de códices antigos dos mosteiros e conventos (Fotografia 13). Agradava-lhe também, como explicou no mesmo discurso, a visão sublime de monges idosos misturados aos jovens seminaristas, cantando em uníssonos na penumbra da capela-mor\*\*, em contraste com o silêncio envolvente da Igreja. Não seria uma alusão rememorativa às suas aulas cognominadas de *missa das dez*?

A imaginação estimulada por suas palavras nos reporta à casa branca de dois pavimentos com esquadrias de madeira em treliças\*\* pintadas de azul, cobertura de telha colonial desgastada pelo tempo, que se ergue acolhedora entre a arborização abundante e a placidez da água do mar (Fotografia 14). Sua localização, na parte final da Praia da Bica na Ilha do Governador, adequava-se perfeitamente ao temperamento reservado de Paulo Santos, que ali se isolava do mundo, embevecido pela leitura de seus livros e pela elaboração de suas pesquisas. Das janelas do ambiente, reduto de longos anos, vislumbrava a linha do horizonte delineada pela Baía de Guanabara, desimpedida, senão pela ponte Rio-Niterói, atravessando-a de costa a costa. Ao fundo, o contorno do Corcovado marcado sobre o azul do céu, estendendo-se continuamente até a Igreja da

<sup>123</sup> SANTOS, P., 1977f, p. 45.



Fotografia 12

Paulo Santos na entrega do título *Personalidade do Ano* de 1981 - IAB/RJ

Fonte: SANTOS, 1981h, p. 22.



Fotografia 13

Paulo Santos e Maria Amélia na biblioteca de sua residência na Ilha - 1985

Fonte: VASCONCELOS, 1989, p. 169



Fotografia 14  
Residência de Paulo Ferreira Santos - Praia da Bica, 1151. Ilha do Governador - Rio de Janeiro - 2004  
Fonte: A autora (2004)



Fotografia 15  
Panorâmica da Baía de Guanabara, vista da residência de Paulo Ferreira Santos na Ilha do Governador  
Fonte: A autora (2004)

Penha numa visão panorâmica. O edificado pelo homem em perfeita comunhão com a natureza (Fotografia 15).

Nesse diálogo intrínseco em que troca confidências, Paulo Santos respondeu a perguntas e desabafou seus desencantos ao amigo Lucas, num tom profundo e, de certa forma, amargo. Temas como vida e morte foram tratados em clima de austeridade:

Para mim, da vida e da morte, a despeito de tanta espiritualidade na minha maneira de ser, limito-me a considerar apenas as heranças culturais – no sentido amplo da expressão. Da vida e da morte só ficariam, nesse enfoque, que se omite de outras indagações, as flores e os espinhos do nosso espírito e os frutos, doces ou amargos se os tivermos para deixar. [...] Nos momentos fugazes deste crepúsculo da existência, por entre as sombras da noite, que vão baixando sobre nós, nossas vidas paralelas vão chegando ao fim. Em vós, seguramente mais em vós do que em mim, os grandes temas estão à frente das cogitações: a Religião, a Vida e a Morte.<sup>124</sup>

No depoimento, que evocou momentos do passado, parecendo-nos mais realizar um balanço filosófico que propriamente um discurso de acolhida ao professor Lucas Mayerhofer naquele Instituto. E que se constituiu num momento raro em que Paulo Santos fez confidências a seu respeito, tornando-se, portanto, de grande significação. Este auto-retrato, ainda que esfumaçado, nos permitiu entrever algumas de suas preferências artísticas, literárias e filosóficas e o desejo não concretizado de haver escrito uma sólida História da Arquitetura.

O *crepúsculo da existência* nos leva a profundas reflexões, como oportunamente comentou o engenheiro Augusto Carlos, sobrinho de Paulo Santos, ao tratar esta questão em artigo escrito em 1989:

É estranho o fascínio que a morte exerce sobre os vivos. Talvez seja um sentimento generalizado de culpa no que se refere ao apoio, à valorização, ao incentivo ao nosso semelhante, que poderia ter sido muito mais intenso e eficiente. Depois que sobrevém a morte, procuramos nos redimir, divulgando o que devíamos ter feito mais acertadamente em outras épocas. Depois da morte todos se movimentam fazendo homenagens, reproduzindo os trabalhos já publicados, imprimindo artigos inéditos, repetindo as idéias sempre faladas e nunca impressas. Pelo menos desta maneira, sempre tardia, se faz justiça aos grandes pensadores.

Domingo, 7 de agosto de 1988, foi um dia triste: falecia aos 84 anos, ainda lúcido e produtivo, um dos mais destacados profissionais da engenharia e arquitetura brasileiras. Não resistiu ao enfarte violento que lhe ceifou não só a vida, mas também numerosos trabalhos em andamento e “gigantescos planos de publicações futuras”. Os que tiveram a sorte de conviver com ele os últimos anos sabiam perfeitamente que aqueles planos eram irrealizáveis: eram projetos para ocupar toda uma vida de um incansável jovem trabalhador. Seus planos entretanto eram demasiadamente arrojados, sempre com ampliações e reavaliações. Muitos deles, quase prontos, não haviam ainda recebido sua

<sup>124</sup> SANTOS, P., 1977f, p. 49-51.

aprovação para a publicação, em consequência de exagerada autocrítica: era perfeccionista demais!<sup>125</sup>

Paulo Santos se mantém vivo entre nós através de suas obras arquitetônicas, históricas e culturais, pois, como concluiu seu sobrinho Augusto Carlos: “O homem não morre quando o seu físico desaparece e sim quando suas idéias se esvaziam”.<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> VASCONCELOS, 1989, p. 167. Engenheiro consultor e ex-professor da Escola Politécnica, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (ambas da USP) e da Faculdade de Engenharia da Universidade Mackenzie. Sobrinho de Paulo Ferreira Santos.

<sup>126</sup> VASCONCELOS, 1989, p. 177.